

Revolução

50 ANOS DE LUTA CONTRA O FASCISMO



**POVO
TRABALHADOR
UNIDO PARA O SOCIALISMO**

COMÍCIO NO PORTO COM OTELO

Sábado dia 26 às 21.30

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

dos leitores

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



Revolução

“Não aceito o julgamento!”

Como assinante do «Revolução» li a cópia da acusação. Não aceito o julgamento! Mas meus senhores, é claro como água que tudo o que lá vem escrito é VERDADE! E voce sabem muito bem. Depois do golpe do 25 de Novembro em que os fascistas ocuparam os lugares que pertenciam aos homens revolucionários, temos visto de como o Exército que está agora «disciplinado» nos não defende, pelo contrário, só nos reprime. E quando não conseguem que os soldados nos reprimam, o que sempre vos faz rebentar de raiva, lá mandam a GNR e a PSP. E ai de nós quando

não obedecemos a essas «autoridades»... e eles vão logo avisados de que se não for a bem terá de ser a mal.

E não foi a PSP que aqui em Setúbal, para proteger os cães do PPD, assassinou?

E não foi para proteger a mesma corja fascista do PPD e CDS que em Beja a GNR assassinou? E quando um senhorio quer à viva força desalojar um inquilino não é a GNR e a PSP que lá vão? Nunca vimos que esses senhores impedissem um senhorio de efectuar um despejo... vão sempre muito prontamente ajudá-los a porem as pessoas e tudo o res-

to na rua e fazem-no como a gente muito bem sabe — com toda a brutalidade!

É porque o «Revolução» é mesmo um jornal revolucionário apostado em desmascarar as vossas manobras! É porque o PRP é um partido que, desde sempre andou lado a lado connosco, os explorados! É porque os seus dirigentes são autenticos revolucionários que se empenharam muito sinceramente em servir a Revolução! E como a vossa ideia é totalmente oposta... daí que sintam por eles um tão grande ódio.

Só aos fascistas interessa fazer destas coi-

tas. Mas nós, os sempre explorados e oprimidos estamos com o «Revolução», com o PRP e com os seus dirigentes, muito especialmente com Isabel do Carmo já que será ela que amanhã irá responder em tribunal.

E fiquem cientes de que apesar de todos os vossos ataques reaccio-

nários VENCEREMOS!

Era isto que eu queria dizer aos senhores que mandaram a tribunal a camarada Isabel do Carmo, mas como não sei como faze-lo resolvi enviar a carta ao nosso jornal. Eu estou com o «Revolução»!

Saudações revolucionárias

ESCLARECIMENTO E CRÍTICA

Quem era Ulrike Meinhof

Ante a ignorância demonstrada, ante a manipulação da Informação efectuada pela Imprensa capitalista acerca da morte de Ulrike Meinhof e da organização em que militava: facção do Exército Vermelho (R.A.F.) é necessário clarificar o seguinte:

1.º — U.Meinhof foi detida em 19 de Junho de 1972 e, tal como outros membros do R.A.F., mantida em regime de isolamento e submetida às mais modernas técnicas psicológicas de tortura, que deixa claro o carácter repressivo e fascista da social-democracia alemã, neste caso.

Sob a desculpa de segurança, de saúde... etc. foram construídos edifícios especiais cuja função é o isolamento através da insonorização, iluminação permanente, controle televisivo, administração de drogas e, em geral, supressão de todos os contactos e contrastes que permitem à pessoa humana manter-se em equilíbrio

psíquico e fisiológico.

2.º — O R.A.F. (Facção do Exército Vermelho) não é nem foi uma quadrilha, nem um grupo isolado, como pretende mostrar a Imprensa internacional copiando o «cliché» repressivo e fascista da Imprensa alemã.

A R.A.F. é uma organização revolucionária, de guerrilha urbana, consciente de lutar contra o capitalismo e o imperialismo, o seu método é sempre a acção e a agitação violenta, directa e armada.

A sua acção compreende-se como a resposta adequada a um Estado social-democrata altamente repressivo, acção que clarificou, diante dos trabalhadores, a falsa aparência de liberdade e bem estar que oferece o capitalismo social-democrata, assim como a cumplicidade deste último com a agressão assassina do imperialismo «yankee».

Continua na pag. 12

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa
Tel. 573520/573640/573717/573670
DELEGAÇÃO DO NORTE
Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16.30 às 24 horas.

ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110
Tel. 315759/315786
MATOSINHOS — Rua Conde de S. Salvador, 374
Telefone: 931925

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

BARCELOS — Av. Liberdade 60 r/c

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33
MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65
ARGEA — Tel. 92169

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142
Telefone: 24149

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40
ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n. 15 — Algés de Cima Tel. 2100337
PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1 Tel. 2474142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACÉM — Rua de Paço de Arcos, Lote 16

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Rua Jorge de Sousa
SETÚBAL — Praça do Bocage, 3
BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745
LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n3 12

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267/2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86 — Tel. 62880

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998
ALJUSTREL — R. da Liberdade, n.º 13, Aljustrel

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

TORRÃO — Horta Seca

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 35 - Tel. 24 107
LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39-1.º Tel. 63043
PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

ESTOMBAR — R. D. Pedro Gaivão, 5

MONCHIQUE — Estrada da Foia, 9, Monchique.

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

Revolução

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE
PROFISSÃO

Semestral 90\$00 Anual 180\$00 PAGAMENTO

Estrangeiro
Semestral 300\$00 Anual 600\$00 Em cheque
Em vale

PINHEIRO DE AZEVEDO: A ambição do Poder

A eleição de um P.R. que sirva os seus interesses de classe é, para a burguesia, extremamente importante

Ramalho Eanes, apareceu como candidato que preenchia as condições necessárias (veja-se o apoio dos vários partidos de direita que tem recebido).

Mas, todavia, não vai ser o único: é o caso de Pinheiro de Azevedo. Mesmo que isso divida os votos da burguesia (ele mesmo, aliás, se diz interessado num debate com Ramalho Eanes), Pinheiro de Azevedo mantém a sua candidatura por uma razão muito simples: a ambição do Poder. Não está disposto, como afirma em entrevista no «Expresso», «a sair pela porta de trás».

Para tal, não hesita em criticar aqueles que o apoiaram militarmente, o «Grupo dos Nove» sobre os quais afirma: «Um grupo de dez oficiais pou-

co interessa»; não hesita em destruir argumentos dos partidos burgueses (o que não faria se estes o apoiassem), quando afirma: «penso que os partidos pouco ou nada influem na eleição presidencial», não hesita em destruir a ideia do «consenso das Forças Armadas».

Para os políticos burgueses, a necessidade de defender os interesses da sua classe não é razão para abandonar a luta pessoal pelo poder. É por isso que Pinheiro de Azevedo vai jogar nas presidenciais, vai jogar para se manter a ele no Poder, para ser ele o «homem» de que a burguesia necessita.

O seu programa é o da burguesia —, tal como o de Eanes. É a formação de um Governo PS, é a «defesa da Constituição», etc. Aliás, Pinheiro de Azevedo define-se como um político que se manifestou sempre anticomunista mas desejando, simultaneamente a manutenção do Partido Comunista

na «legalidade». É esse, quando muito, o papel que a burguesia reserva para o PC.

É tal a ambição do Poder, o não querer sair «pela porta de trás», que Pinheiro de Azevedo ameaça já com um lavar de roupa suja. Para além de falar no «passado» dos candidatos, começou a meter à baila a história do golpe reaccionário do 25 de Novembro. Para ele, «a história do 25 de Novembro há-de vir a ser feita» e «nada tem a ver com as pessoas que pensam», ele foi «uma pessoa influente» e «no momento oportuno, localizaremos as posições de cada um de nós nesse evento».

Ao que Pinheiro de Azevedo não se refere é que, como não podia deixar de ser, ser atirado «pela porta de trás» mas pela violência revolucionária daqueles a quem mandou à merda, daqueles que o têm como um dos chefes de fila do inimigo de classe.

SÓ LÁ RESTAM 30 PIDES

Não restam agora dúvidas (para aqueles que ainda as pudessem ter) de que o Poder não está nada interessado (muito antes pelo contrário) em assegurar as conquistas dos trabalhadores, ou em fazer andar para a frente o processo revolucionário. As mais de 1400 libertações de «pides», desde o 25 de Novembro, são um dos muitos atestados de reaccionário, não só do capitão Sousa e Castro, que está à frente dos serviços de «extinção» da PIDE, como também do CR e dos que dele fazem parte.

Neste momento, há, somente, 30 «pides» presos! As libertações estão-se a dar com uma velocidade tal que, qualquer dia, cruzamo-nos com Silva Pais no Rossio ou no Porto!

O capitão Sousa e Castro queixa-se muito da pasta que lhe passaram a seguir ao 25 de Novembro. Diz que é um trabalho ingrato. Enfim, queixa-se imenso, mas foge imediatamente assim que lhe falam num debate, na Televisão, acerca dos serviços que coordena... Por outro lado, já ninguém ignora que o seu carro foi encontrado

estacionado perto do convento em Braga, logo a seguir à «brilhante fuga» de elementos do ELP que ali estavam reunidos...

Ultimamente, até os «pides» que fugiram de Alcoentre, são contemplados com mandatos de soltura e os que se tinham escapado para Espanha, estão agora a regressar calmamente a suas casas!

A QUEM INTERESSA

E nós perguntamos: a quem interessa estas libertações sucessivas, todo este processo de encobrimento de verdadeiros criminosos que são soltos e se integram imediatamente na nova polícia política ou em actividades congêneres? Sabemos bem que os sucessivos adiamentos de julgamentos, as pressões para as solturas, todo o processo de encobrimento sistemático do que realmente foi a Comissão de Extinção da Ex-PIDE/DGS e do que foi, verdadeiramente, a máquina dessa polícia política, interessou bastante a certos militares que se esconderam de baixo da capa da «Revolução dos Cravos» para que não se viesse a conhecer publicamente as suas implicações de antes do 25 de Abril, interessou àqueles que traíram, interessou a toda a direita nacional e internacional. Enfim, grandes interesses foram jogados por de trás da tão falada Comissão de Extinção dos quais se aproveitaram todos os «pides», desde informadores a responsáveis e toda a máquina que, por de trás deles, existe. A tudo isto os trabalhadores têm de responder, quer organizando-se contra a repressão, a nível de local de trabalho e habitação, quer lutando por uma candidatura revolucionária que proponha, através do seu programa, estabelecer um regime de apoio ao Poder Popular, que favoreça os explorados e oprimidos e que acabe, de vez, com o sistema de opressão capitalista, reaccionários e fascistas, PIDES, ELPs..., e que dinamize o Poder Popular pela Revolução Socialista.

ASSOCIAÇÃO DE EX-MILITARES DESEMPREGADOS

Os ex-militares na situação de desempregados tem desenvolvido um processo de luta que começou em alguns distritos do Norte e presenteemente se estende a nível nacional.

A Associação dos ex-militares Militares Desempregados do distrito de Lisboa, recentemente formada, tornou públicos os seus objectivos de luta:

«Dada a situação de marginalização e injustiça social em que se encontram os ex-militares na situação de desemprego, não por culpa própria, mas como reflexo das contradições do poder político-militar da burguesia, que em vez de resolver os problemas de milhares de desempregados com a criação de novos postos de trabalho, se preocupa com o fortalecimento dos órgãos de repressão e opressão e com a recuperação do capitalismo, vimos alertar-vos para a necessidade de nos unirmos, pois se não formos nós a lutar pelos nossos interesses tanto menos a burguesia o fará.

A nossa luta é a luta de todos os desempregados pelo direito ao trabalho. Mas considerando que estamos em situação de desigualdade com outros desempregados, nomeadamente os das ex-colónias, aos quais lhes são atribuídas largas verbas de subsistência (habitação, alimentação, abonos de família, assistência médico-medicamentosa, etc.) nós nem desempregados nos podemos designar, visto não nos terem sido facultadas as mais elementares bases de subsistência (como subsídio de desemprego, assistência médica, etc.).

Mas a nossa luta não é só pelo direito aos meios de subsistência é também contra a discriminação das colocações nos postos de trabalho, pois os retornados das ex-colónias, para além de todas as regalias que o governo lhes concede, tem prioridade nas colocações sobre todos os outros desempregados.»

Neste momento está a ser elaborado um caderno reivindicativo nacional sobre estes pontos para apresentarem oficialmente.

NOTAS BREVES

OS VENENOS DA IMPRESA REFORMISTA

As últimas semanas têm mostrado até onde pode ir o veneno da Imprensa reformista, neste momento em que essa corrente está mordida pela candidatura de Otelo. Raro é o dia em que os tortuosos textos de certos jornais não deixam escorregar calúnias, deturpações, insinuações.

É curioso também que, neste aspecto, têm posições sobreponíveis às dos jornais de direita tipo «Dia» ou «Luta». É assim que, tanto o «Dia» e a «Luta» como o «Diário» e o «Diário de Lisboa» remexeram todos os dias na inelegibilidade de Otelo, até que a resposta oficial veio parar este parlatório. Tanto uns como outros insistiram que nada se sabia sobre a posição de Otelo, quando era sabido que já entregara o requerimento ao C.E.M.E., para se candidatar e já pedira à P.J.M. para se deslocar.

Os dois tipos de Imprensa têm sido também coincidentes em minimizar o apoio a Otelo (lembramos que o «Dia» e o «Diário» só viram duzentas pessoas no plenário do L.N.E.C., onde estavam, pelo menos mil e dizentas...)

Ambas as Imprensas dizem agora que Otelo desistirá a favor de Costa Gomes.

Curiosa coincidência... Para ambas as Imprensas, a candidatura de Otelo e os revolucionários são o inimigo principal.

COSTA GOMES-PATO, UM MATRIMÓNIO DE DUAS FACES

Todos os dias surgem nomes subscrivendo a candidatura de Costa Gomes, que todos nós sabemos estarem ligados ao P.C. Estranha coisa para um partido que tem candidato próprio, o Pato.

Conhecemos, mesmo, casos em que o marido foi candidato a deputado pelo P.C. e a mulher subscrive a candidatura de Costa Gomes. Curioso matrimónio esse...

Não se cansam, pois, de tentar criar a divisão entre os trabalhadores. Até ao fim, manterão todos os trunfos que lhes são possíveis, para não deixar que Otelo fique sozinho como candidato da esquerda. No fim, o Eanes dar-lhes-ia um rebuçado qualquer, se ganhasse... Há sempre um prémio para os oportunistas. Até que na primeira volta da história lhes dêem um pontapé, claro.

AI BALEIZÃO, BALEIZÃO

No espectáculo reformista faltava esta imagem mórbida da bandeira oportunista desfalçada no cadáver de Catarina.

São os anos de prisão... são as torturas... são os mortos e feridos... de que eles falam constantemente num espectáculo de necrofilia, que não passa atestado de revolucionário a ninguém. Já aqui o dissemos: os passados de sacrifício, de mortos, que os mencheviques podiam apresentar na Rússia e os sociais-democratas na Alemanha, não os impediram de se comportar como traidores quando souu a Revolução.

A melhor maneira de honrar os mortos revolucionários, é fazer a Revolução.

O contrário da Revolução, eis o que faz o secretário-geral do P.C. quando vai a Baleizão para dizer mal dos «esquerdistas» e, mais uma vez, apelar para a unidade P.C./P.S. Unidade com esse P.S. que todos os dias lhes dá patadas; que caucionou o candidato da direita, Ramalho Eanes; que é laçao do senhor Kissinger; que diz (pela boca do seu secretário-geral) que faria alianças com o E.L.P.; que todos os dias edita o jornal anticomunista «A Luta». E, quando fala da unidade P.C./P.S., fala da unidade entre as direcções dos dois partidos, visto que as bases, essas seguem outro rumo. Em grande parte, o rumo da esquerda. E, à unidade que fazem é outra.

VIANA DO CASTELO

DA PRISÃO

À LIBERTAÇÃO DE UM PESCADOR

No passado dia 17, em Viana do Castelo, os trabalhadores mais uma vez se uniram na luta contra o poder capitalista. Os trabalhadores não estão mais dispostos a suportarem todas as prepotências dos capitalistas.

Um pescador foi preso, pelo comandante da capitania. Segundo este o pescador ter-lhe-ia «faltado ao respeito» pois tinha «gesticulado» muito quando esteve a falar com ele.

Mas, o motivo sabemos-lo nós muito bem. A prisão do camarada pescador, deve-se ao facto de, ele ter telefonado para o comandante da capitania, pois este tinha convocado uma vistoria onde estavam lançadas as redes de pesca ao sável e, já passava uma hora, do que estava marcado. Então, o comandante, mandou dois marinheiros ao cais, para levarem o pescador à capitania e depois perdeu-o, dizendo que ele tinha «gesticulado» muito

quando explicava na capitania a sua justa atitude.

O que o comandante queria, sabemos-lo muito bem. Queria domesticar os trabalhadores, po-los na «ordem». Ficou «ofendido» por o pescador lhe ter telefonado, porque para ele, como para todos os capitalistas e burgueses, são sempre os trabalhadores que devem esperar pelos «chefes» e não tem direito a reclamar, porque eles estão sempre «ocupados em grandes



tarefas». Estão sempre ocupados é em levar a boa vida. Experimentem ter de trabalhar para comer, experimentem viver somente da sua força de trabalho e verão como não podem perder tempo, nem fazer os seus camaradas perde-lo porque isso vai significar perder meios de subsistência, pode significar fome.

Mas os trabalhadores responderam a esta provocação. Os trabalhadores mobilizaram-se para a frente da capitania, onde se mantiveram mobilizados, gritando várias palavras de ordem, como: «Fim ao processo»; «Miguel cá para fora», «Daqui ninguém arreda pé» e «Fora com a canalha o poder a quem trabalha».

A certa altura, os trabalhadores já cansados de tanto esperar, entraram pelo edifício dentro, sem haver qualquer resistência (as forças repressivas da burguesia não estavam presentes), dispostos a trazer o camarada pescador com eles. Dispostos a não mais suportar aquela injustiça, que não é mais do que a «justiça» burguesa.

O comandante da capitania estava numa sala reunido com delegados sindicais e o camarada pescador (Miguel) e, aquele, não queria libertar o Miguel. Mas, face ao avanço dos trabalhadores e à sua firme dispo-

sição de não ceder, de não ceder às «vontadinhas» dos exploradores, e vendo os animos cada vez mais exaltados e que não teria força para levar a sua para a frente, acabou por ceder, arquivando o processo e libertando o pescador.

Aqui, como no processo da luta de classes, o reformismo mostrou o seu carácter de travão da luta de massas, pretendendo conciliar e desmobilizar os trabalhadores, para que estes não exercessem a sua justa violência de classe.

Foi só quando os trabalhadores fugiram ao controle reformista e se puseram na firme disposição de levar a luta até ao fim, com todas as consequências, que conseguiram que o comandante cedesse. Os trabalhadores experimentaram na luta que, só rompendo com a conciliação e avançando com a sua unidade revolucionária e firme disposição para a luta, são capazes de derrotar a burguesia.

Mas alerta camaradas. A vitória não foi definitiva. O processo foi arquivado, mas a burguesia é traiçoeira e, há primeira oportunidade vingar-se-á. A luta é pela destruição do capitalismo e, enquanto, ele tiver poder, tem-no para esmagar os trabalhadores.

FERRAGUDO

Outra face da repressão

O nosso entrevistado é um pescador, tem 22 anos, vive em Ferragudo aldeia algarvia piscatória).

Tema: «repressão».

Os factos falam por si.

Revolução — Qual o motivo da sua detenção?

Pescador — «Comprei um carro velho que me custou 3 contos, que era para eu ir a Portimão vender o peixe e para dar umas voltas, de vez em quando, com a malta. Não tinha carta, visto não ter dinheiro para isso, e fui apanhado numa operação «stop», na ponte de Portimão. Isto, no dia 12 à tarde.

Penso que isto não era motivo para ir preso, pois não me neguei a pagar a multa nem a mostrar o livrete e a identificar-me.

Revolução — O que pensou quando o mandaram entrar para o carro da PSP?

Pescador — Pensei que era para me identificarem ou para algum inquérito. Sei lá! Mas, levaram-me para o posto da PSP em Portimão.

Revolução — O que é que houve lá?

Pescador — Começaram por me perguntar a localidade, o nome, estado civil e residência. Depois, começaram as provocações. Chamaram-me malandro, vagabundo, etc.

Respondendo a estas provocações, eu disse que eles é que eram malandros, visto estarem ali a sugarem o nosso dinheiro sem fazerem nada.

O chefe da PSP puxa de um chicote para me bater. Foi impedido por vários agentes, porque podia partir a vidraça, diziam eles. Quando acabou esta cena, os polícias dispersaram e um deles disse que «já se ajustavam contas».

Levaram-me, em seguida, por um corredor escuro, para uma sala igualmente escura. Eram três à paisana. Sentaram-me numa cadeira no meio da sala e começaram logo a bater-me. Socos e pontapés por toda a parte do corpo.

Esta porrada era acompanhada por várias frases que eles gritavam com raiva: «com que então és das BR's!»; «também és dos tais que cor-

rem com a GNR à pedrada»; «você só falam lá fora, aqui são uns merdas!».

Fui torturado durante 15 minutos até me darem um soco que fiquei deitado em cima de um banco. Custava-me a andar por causa dos rins.

Revolução — Quanto tempo esteve preso?

Pescador — Estive preso desde a tarde do dia 12 até às dez do dia 13.

Revolução — Como foi tratado nesse espaço de tempo?

Pescador — Puseram-me numa cela com outro tipo que tinha apanhado um ano. A cela era alta e a porta só tinha uma viseira para espreitar e uma lampada pequena. Tinha uma tábua com quatro cobertores, que servia de cama.

Deram-me para comer 3 carapaus cozidos e quatro batatas sem tempero, água e um garfo. Tinha uma sede desgraçada!

Revolução — E no outro dia?

Pescador — Fui levado da cela para o tribunal. Fui julgado e condenado a pagar a multa.

Queria dizer que nunca fui do PRP nem das BR. Ando muito é com malta do partido. Aquilo deve ser informação que eles tem lá e os «bufos» não distinguem quem é e quem não é do partido. Vão todos na mesma lista.

Alerta trabalhadores, este não é um facto isolado. Enquadra-se na situação geral que se vive neste momento em Portugal. A direita avança e reprime os trabalhadores. A GNR, PSP, PIDES e ANP são todos iguais e estão organizados. Terão que ser os trabalhadores organizados e armados a fazer face ao fascismo que, como as coisas vão, não tardará a se abater sobre nós. Terão que ser os trabalhadores a responder com armas na mão à libertação dos pides, ao aumento do custo de vida, ao desalojamento dos trabalhadores das casas ocupadas, ao desemprego, aos governos da burguesia que em nome dele usam o voto para legalizar a repressão e o fascismo.

Organização local de Ferragudo.

AOS TRABALHADORES DE MONCHIQUE

Comunica-se aos trabalhadores de Monchique e à população em geral que este partido ocupou uma casa em Monchique que estava fechada há bastante tempo. Este é um dos meios de mostrar aos trabalhadores que vivem em más condições de habitação, que não é correcto que existam casas por habitar enquanto existem pessoas sem casa.

Responsabiliza-se este Partido, no entanto, em devolver a casa aos donos caso estes necessitem fazer obras e/ou ocupá-la para habitação.

Comunica-se também que este Partido vai instalar a sua sede local naquela casa e que desde já, põe estas instalações ao serviço dos trabalhadores e das suas organizações.

**PELA OCUPAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DAS CASAS DESOCUPADAS
POR UMA CANDIDATURA REVOLUCIONÁRIA À PRESIDÊNCIA
PELA DITADURA DO PROLETARIADO
VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

Monchique, 19 de Maio de 1976

MOÇÃO APROVADA

NA F.M.G. DE BRAÇO DE PRATA

Após o golpe reaccionário dos militares argentinos, e na consequente repressão foi preso um dirigente do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) Edgardo Henriquez e a estudante brasileira Regina Marcondes.

Edgardo Henriquez corre o perigo de ser extraditado para o Chile onde a ditadura de Pinochet poderá ordenar a sua execução.

Por isso exigimos a libertação imediata de Edgardo Henriquez e da militante antifascista brasileira.

E que o Governo português faça diligências junto do Governo argentino para libertação destes dirigentes e outros antifascistas presos. E que de asilo político a todos os antifascistas sem discriminação de nacionalidade.

Braço de Prata, 19 de Maio de 1976

nas obras

CONSTRUÇÃO CIVIL

PORQUE SE DIVIDEM OS TRABALHADORES?

O sector da construção civil está a atravessar uma fase difícil, em que sente duramente as consequências de não ter feito a projectada greve nacional, que estava marcada para o último 22 de Março.

Importa não esquecer que esta greve não foi feita em virtude de os dirigentes afectos ao PC terem negociado com Costa Gomes (quem sabe se para lhe darem trunfos na campanha eleitoral...) traíndo, deste modo, a decisão que lhes tinha sido dada por dezenas de milhares de trabalhadores.

Na sequência desta traição, os referidos dirigentes afectos ao PC não se pouparam a esforços para afastarem das direcções os sindicalistas revolucionários nelas presentes, para o que se tem servido de toda a espécie de calúnias e mentiras.

Sobre estes e outros temas (nacionalização da construção civil, tipo de casas a construir), o «Revolução» ouviu um camarada da Comissão de Trabalhadores da Tetra, ex-dirigente do Sindicato da Construção Civil de Setúbal e ex-membro da Comissão Negociadora do Contrato Colectivo.

A QUEM INTERESSOU DESMOBILIZAR A GREVE?

«A greve estava marcada para o dia 22 de Março e tinha sido aprovada em diversas reuniões de sindicato, à escala nacional. Aconteceu, no entanto, que dois dias antes da data prevista, a Comissão Negociadora foi a Belém para conversar com o Presidente da República: se ele nos garantisse que o contrato saía, nós desmobilizávamos a greve, porque não se faz a greve por gosto.

Durante a conversa com o Presidente da República, este alertou-nos para o perigo da greve servir a direita (colocando-se ele na posição de um indivíduo de esquerda) e adiantou que iria apresentar o nosso problema na próxima reunião do Conselho da Revolução.

Saimos de lá, portanto, sabendo que a conversa tida com ele não foi, de forma alguma, favorável à classe.

Nessa altura, mantivemos a mesma decisão. De tal maneira que, nesse mesmo dia, fomos para o Sindicato da Construção Civil de Lisboa, onde é confirmado que vamos fazer um comunicado à classe dizendo que, por a conversa com o Presidente da República não ter resultado, a posição se mantinha: vamos para a greve.

Como se tratava apenas de fazer um comunicado, e eu tinha que ir para Coimbra (era já sexta-feira à noite), disse aos outros indivíduos: «Façam o comunicado que eu deposito confiança em vocês». Isto porque na manhã do dia seguinte tinha de ir para Coimbra encontrar-me com todos os representantes dos Sindicatos da Construção Civil.

Qual não é o nosso espanto quando, ao iniciarmos a reunião de manhã, em Coimbra, dizem que há um comunicado em nome da Comissão Negociadora a desmobilizar a greve!

Como era o único elemento presente da Comissão Negociadora, expus aos camaradas o que tinha ocorrido no dia anterior e concluí não haver qualquer motivo para a desmobilização.

Telefonámos para Lisboa, solicitando que um dos restantes elementos da Comissão Negociadora fosse a Coimbra explicar porque motivo estavam a desmobilizar a greve. Como os tipos se negaram a comparecer, for-

mou-se uma comissão para ir a Lisboa falar com eles.

A desculpa que nos deram foi que se desmobilizou a greve porque havia o boato que ia haver um golpe de Estado (nunca se chegou a analisar de onde é que vinha essa boca...), e, porque o ministro da Habitação e Urbanismo ameaçava substituir as administrações das empresas estatizadas (caso do J. Pimenta) por retornados. Diziam ainda que, se a greve se efectuasse, iria haver bastante repressão sobre os trabalhadores.

Em suma: uma autentica traição!

Foi, pois, deste modo que os dirigentes afectos ao PC impediram que dezenas de milhares de trabalhadores da construção civil entrassem em greve à escala nacional.

Todavia, porque aumenta o número de trabalhadores que, na prática veem a capacidade de traição do PC, não foi fácil aos revisionistas sabotar a greve por completo.

É que os trabalhadores não aceitam que, após se ter feito uma grande mobilização com vista à greve (e os trabalhadores estavam preparados para todas as consequências), lhes venham dizer que ia haver um golpe de Estado e muita repressão!

A isto chama-se dividir os trabalhadores e ajoelhar-se perante os interesses da burguesia.

Devolvemos a palavra ao camarada que pertencia à direcção do Sindicato da Construção Civil de Setúbal:

O PC DIVIDE E MENTE AOS TRABALHADORES

«Reunimo-nos (delegados e CTs) em Setúbal e deduzimos que era uma autentica traição dos controladores do PC.

Ficou também aprovado que Setúbal ia para a greve no dia 1 de Abril. Esta era, de resto, a posição de Beja (que já estava em greve), Faro e Braga.

Entretanto, na reunião geral dos sindicatos (em Lisboa) os elementos do Sindicato de Setúbal afectos ao PC, traem as bases que os tinham mandatado e abstem-se (eu não podia votar porque estava na mesa e fazia parte da Comissão Negociadora).

Chega-se ao dia 1 de Abril e verifica-se que, ao nível nacional e ao nível



Deputados do PS abandonaram a Assembleia, após 48 horas de cerco As «minorias anarco-populistas» abrem alas e apupam.

de distrito, uns sindicatos mobilizavam enquanto outros desmobilizavam.

Assim, em Setúbal, os dirigentes pertencentes ao Barreiro e Almada faziam comunicados dizendo que a greve era reaccionária: distribuíam os comunicados nas suas terras e de Grandola para baixo, até Sines. Em Setúbal, não distribuíam nada... Nós aqui, continuávamos a fazer comunicados a mobilizar a classe.

Nessa altura, confessámos aos trabalhadores (que nos perguntaram se era de ir ou não para a greve) que a direcção estava dividida. De resto, estava dividida desde que tinha sido eleita. Tínhamos procurado trabalhar em conjunto, mas chegámos a um ponto em que a direcção, colectivamente, não estava à altura de decidir fosse o que fosse.

A minha opinião era que o mais correcto era a classe organizar-se, mobilizar-se e exigir novas eleições no Sindicato, porque a direcção não servia os trabalhadores. Foi isto que escrevemos num comunicado à classe.

Entretanto, apareciam no «Diário» falsos comunicados em nome da direcção do Sindicato».

A DEMISSÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS DO SINDICATO DE SETÚBAL

«É no meio de tudo isto que os tipos marcam uma assembleia para o Barreiro, no dia 23 de Abril, dia

em que o PC tem a sua festa de encerramento da Campanha Eleitoral.

Nessa assembleia, são-nos feitas uma série de calúnias: dizem que somos reaccionários e que estamos ao lado do patronato; muitos dos camaradas que lá estavam não conheciam a nossa actuação diária (de resto, nós raramente lá íamos) e a maioria estava lá por causa da festa do PC.

Também não é lida uma moção assinada por 16 sindicatos. Só eles é que falavam. Como eles viam que não tinham possibilidades de vencer as eleições em Setúbal (estavam queimados) respondem ao nosso comunicado com esta assembleia para o Barreiro, a qual tinha a seguinte ordem de trabalhos: «Discussão, aprovação ou rejeição da destituição dos 5 elementos da direcção que pertencem a Setúbal».

Se a assembleia tivesse sido feita em Setúbal, eles não teriam tido a mínima hipótese de vencer, porque os trabalhadores conhecem-nos. É também por isso que o presidente da assembleia geral (que é afecto ao PC) convocou a assembleia para o Barreiro. Quando eu comecei a falar interromperam-me logo, dizendo que éramos papagaios que ali estávamos para dividir a Assembleia e que era preciso cortar-nos a língua.

À saída, tenho que sair por baixo de um cordão de segurança. Ao camarada Ribeiro ainda lhe deram um pontapé nas canelas e apontaram-lhe uma faca na barriga...



Vários militantes do PC, à saída, choravam e diziam: «isto não se admite, não se pode permitir uma coisa destas. É uma vergonha fazer-se isto a homens que tem estado ao lado da classe». Queimaram a nossa moção à porta e ainda tiveram a pouca vergonha de nos dizer: vocês não são da nossa cor... O que é que vocês querem?»

Posteriormente, largas dúzias de militantes do PC, desde o Barreiro até Sines, tem vindo contactar connosco para a malta fazer um movimento revolucionário e pormos os traidores na rua. Alguns querem mesmo ir ocupar o Sindicato, mudar a fechadura e por os gajos na rua...»

O sucedido nesta assembleia do Barreiro e todo o ambiente de traição à classe que a antecedeu, mostram-nos bem que, para os militantes revolucionários da classe operária, os reformistas são, de facto, os lacaios da burguesia no seio da classe.

Com efeito, com que fito é que os dirigentes afectos ao PC, após terem sabotado a greve à escala nacional, levam assembleias, por eles controladas, a expulsar da direcção de Setúbal elementos revolucionários?

Trata-se uma vez mais, de afastar os que não estão dispostos a conciliar

com a burguesia.

Entretanto, os trabalhadores continuam a viver em péssimas condições. Assim:

«Independentemente de algumas empresas grandes em que a classe teve força para ultrapassar a tabela salarial aprovada em 15 de Junho de 1974, a maioria dos trabalhadores vivem com imensas dificuldades.

O aumento dos serventes de 4500\$00 para 6500\$00 (que é o estipulado no contrato aprovado antes do 25 de Novembro e pelo qual íamos fazer greve) não é demasiado para acompanhar o aumento do custo de vida desde então verificado.

Por outro lado, não é certamente o PS quem vai resolver a crise da construção civil.

A movimentação que ultimamente se tem verificado entre os trabalhadores do PS, está relacionada com o projecto que a direcção social-democrata deste partido tem de colocar elementos seus nas direcções dos sindicatos.

É que, para governar, o PS necessita de controlar os sindicatos. O próprio PS, de resto, está dividido: há uma facção que toma, por vezes, posições justas e outra que é a representante do CISL em Portugal.

É importantíssimo que a classe não caia nas mãos de uns nem de outros».

A REESTRUTURAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL E O TIPO DE HABITAÇÃO A CONSTRUIR

O problema da construção civil está intimamente ligado ao da construção de novas habitações e do fim das barracas e dos bairros de lata.

Não é, certamente, este Governo (como não foi nenhum dos anteriores) quem será capaz de resolver tais questões — só um governo de trabalhadores o poderá fazer.

Importa, no entanto, que estas questões sejam desde já analisadas pois que a sua importancia bem o justifica:

«Até hoje, o sector da construção civil tem sido encarado com um interesse meramente lucrativo.

Tratando-se, como se trata, de um sector que é muitíssimo importante para a economia nacional, há que pensar no tipo de habitação que se constrói em Portugal, país em que há tantos desempregados e tantos milhares de pessoas que não tem uma casa e que vivem em barracas.

Para se construir dentro de uma perspectiva que sirva os explorados — são aqueles que necessitam de uma casa decente — há que praticar uma política de solos (expropriando-os), organizar e centralizar certos parques de máquinas que estão em subproveitamento, reestruturar e agrupar empresas pequenas, aproveitar máquinas do Exército que estão paradas, centralizar grandes armazéns de materiais, criar um fundo de apoio ao sector, não esquecendo o respectivo depósito do dinheiro de muitos indivíduos que, mensalmente, auferem centenas de contos devido a andares que tem a render.

Para se tomar este tipo de medidas, tem de haver outras alterações revolucionárias de fundo.

Acima de tudo tem de haver um projecto de construção que permita uma vida não alienante. Este projecto liga-se a questões mais vastas (arquitectura, espaços verdes, etc. e não são este Governo e esta sociedade quem os vai resolver...»

Luta dos Trabalhadores

Continua em todo o País a luta por melhores condições de vida. Continua, também, a luta contra um poder que quer impôr-se através da sua máquina repressiva, nos locais de trabalho e habitação.

Do Ministério do Trabalho saem comunicados contra as tomadas de posição dos trabalhadores. E chega este Ministério ao descaramento de escrever num seu comunicado, a propósito da situação da Metalnova: «Tanto patrões como empregados não podem fazer justiça por suas próprias mãos, mas sim aguardar o resultado das diligências administrativas ou judiciais relativas aos conflitos que porventura os dividam. Embora defendam interesses de classes diferentes, têm ambas as partes que ter como objectivos comuns: a justiça, a paz e a democracia».

A boa maneira corporativa, o Ministério fala em justiça e paz. Mas, não faz justiça quando os trabalhadores exigem que os patrões cumpram com acordos já assinados e aos quais o Ministério já deu o seu acordo.

METAIS PRUMO (BRAGA)

Os trabalhadores decidiram entrar em greve a partir de 1 de Julho. O motivo é a falta de cumprimento da portaria dos metalúrgicos, por parte da entidade patronal.

MADEIREIROS

A greve chegou a tomar formas violentas. Os trabalhadores continuam decididos a não vergar e querem o seu contrato vertical. Entretanto, quarta-feira, no Porto, efectua-se um plenário nacional para aprovar novas formas de luta.

UNIÃO RODOVIÁRIA DO LAIMA

Empresa de transportes em Oliveira de Azemeis. Os trabalhadores não aceitam a falência da empresa, o que teria provocado o não pagamento do 13.º mês e dos retroactivos, e por isso querem uma peritagem. Para ultrapassar a situação, pedem a intervenção estatal.

INE — INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

A readmissão de trabalhadores que, depois de prestarem serviço militar, foram colocados no quadro de adidos e o subsídio de almoço, motivaram uma greve progressiva. Dia 25, efectua-se uma AGT para avançar na luta.

CAIXEIROS — SETÚBAL

Por um contrato vertical. O patronato quer a semiverticalidade o que fez os trabalhadores entrarem em greve. Só as empresas em que os patrões atendiam o público é que não entraram em greve. Ainda bem, apesar dos objectivos comuns que o Ministério do Trabalho invoca.

CAMPO

O Ministério da Agricultura também faz os seus comunicados. Assim, deliberou que fossem desocupadas mais 15 herdades no Alentejo, e fossem entregues aos seus proprietários. Os trabalhadores responderão.

INDÚSTRIA HOTELEIRA

Os trabalhadores da Indústria Hoteleira com intervenção do Estado realizaram, de 18 a 23 do corrente, uma greve parcial pela aplicação do Contrato Vertical de Trabalho.

De acordo com a Comissão de Luta «no caso de a resposta do Governo ser negativa», os trabalhadores entrarão em paralisação total no próximo dia 1 de Junho.

Salientamos que esta greve tem importantes repercussões políticas, na medida em que põe em causa o êxito dos compromissos turísticos estabelecidos por Jorge Campinos, ministro do Comércio Externo e dirigente do PS.



Durante a greve de Novembro, os membros do Conselho de Ministros e da Assembleia recebiam a comida através de um helicóptero que estacionava nos jardins de S. Bento.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

CONSOLIDAR E DESENVOLVER A ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS

A posição que as diversas organizações e personalidades políticas tomam perante as eleições presidenciais, constitui um barómetro que permite apreciar a respectiva táctica e avaliar da relação de forças existente.

Assim, enquanto que o fascista Kaulza de Arriaga não se candidata por «não considerar razoável dividir os que, mediante o seu voto» apoiariam a direita, o PC mantém a candidatura de Octávio Pato, enquanto aguarda ansiosamente que Costa Gomes decida candidatar-se.

Ramalho Eanes, por seu lado, e apesar do apoio oficial das direcções do PS, PPD e CDS, sabe que não conta, nem de longe, com o apoio do respectivo eleitorado, o qual se reparte por Pinheiro de Azevedo e, no caso do PS, por Otelo.

Quanto à candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho, continua em crescendo o movimento popular que o apoia e não serão certamente, os histéricos ataques do PC (vide Cunhal em Baleizão) que lhe cortarão o passo.

Como dado importante a ter em conta, há que reter que a burguesia permanece dividida, o que resulta de ainda não ter encontrado um projecto unânime de «salvação» para o país.

A este propósito, é significativo que Kaulza de Arriaga, em conferência de imprensa dada anteontem, recuse candidatar-se para não dividir ainda mais a burguesia. Ao recusar candidatar-se, o que funciona como apoio tácito a Ramalho Eanes, o ex-Comandante das Forças Armadas em Moçambique profere afirmações descaradamente fascistas, tais como:

— defesa do massacre de Wiriamul
— elogio da acção «brilhante» da PIDE/DGS!

— apelo ao armamento da GNR e PSP

— distinção dos «Comandos, plenos de virtudes militares»

Para além do que representam tais afirmações, não é por acaso que Kaulza não se candidata: a Direita é inteligente e sabe que, ao estar dividida, favorece o movimento revolucionário.

EANES: O APOIO DA DIREITA

Apesar de Ramalho Eanes ser um candidato da direita, a verdade é que diversos sectores do CDS estavam dispostos a votar em Kaulza.

Outro tanto não sucede com Galvão de Melo que, em declarações feitas a uma estação de rádio, afirmou, expressamente, apoiar a candidatura de Pinheiro de Azevedo. Deste modo, e até porque Eanes e Pinheiro de Azevedo disputam as mesmas camadas sociais, não é de excluir que parte do eleitorado do CDS, PPD e PS votem no actual Primeiro-Ministro.

Uma coisa é certa: muitos eleitores que, em 25 de Abril último, votaram neste ou naquele partido, não acatam, nas presidenciais, as indicações dadas pelos diversos secretários gerais.

Exemplo cabal disto é o que se verifica no PS: após o Conselho Nacional (por uma maioria de 3 elementos, na totalidade de 150) ter apoiado Eanes, muitos elementos da JS, sindicalistas ou simples militantes de base abandonaram o partido. Se é este o panorama entre os militantes, qual não será entre aqueles que são apenas eleitorado, como é o caso de muitos trabalhadores que votaram no PS só porque não encontravam alternati-

va revolucionária?

O PS, apesar de Ramalho Eanes dizer que vai chamar o PS para governar sozinho, está de facto, numa difícil situação interna: oscila entre a aliança com o PPD (cuja ala «liberal», a CERESD, pretende inflectir à esquerda no próximo Congresso Extraordinário) e o hipotético entendimento com o PC, no caso de este fazer a «revolução democrática» no seu interior (as palavras são do próprio Mário Soares, na Venezuela).

Como nota de apontamento às organizações que apoiam a candidatura de Ramalho Eanes, não queremos deixar de referir a AOC e o MRPP, organizações neo-fascistas que, sob a capa de um inegável anti-PCPismo são, efectivamente, anti-comunistas e contra-revolucionárias.

É curioso ver que, no mesmo dia em que Kaulza cede em favor de Eanes, Arnaldo de Matos (antigo subordinado de Eanes em Macau: são amigos de longa data...) apoia este candidato da burguesia e do imperialismo americano.

PC: ACABOU-SE A «MAIORIA DE ESQUERDA»...

Quanto ao PC, apesar da conotação marcadamente anti-PC e anti-comunista de que se reveste a candidatura de Ramalho Eanes, Octávio Pato diz não a apoiar nem a hostilizar...

Embora, no momento em que estas linhas são escritas (tarde de quarta-feira) nada se saiba de definitivo sobre a candidatura de Costa Gomes, a verdade é que ela parece altamente improvável.

Sendo assim, concluir-se-ia que o PC perdera a batalha na campanha para as presidenciais, pois não teria conseguido lançar o seu candidato.

O PC está, portanto, numa difícil posição, pois não consegue segurar as suas bases que apoiam Otelo nem tão pouco arranjar argumentos, junto das bases, para apoiar Ramalho Eanes, caso este seja eleito.

De resto, é duvidoso que Octávio Pato leve a sua candidatura até às urnas. O PC não se arrisca a ter menos votos que em 25 de Abril último...

Entretanto, no discurso proferido em Baleizão, Cunhal denuncia «a colaboração que se está a dar entre

CDS, PPD e PS», o que se traduz nos «perigos reais de uma aliança de direita, duma aliança do PS com os partidos reaccionários». Deste modo, Cunhal é obrigado a reconhecer que, contrariamente ao que sempre afirmou, não existe a tal maioria parlamentar de esquerda!

A direcção do PC, por outro lado, continua a caluniar a candidatura de Otelo, tal é o ódio que os reformistas têm à revolução.

O argumento (sempre o mesmo velho e estafado argumento) é que se trata de uma candidatura «divisionista», de «rompimento com as Forças Armadas», e que «em nada serve os interesses da Revolução».

A que «Forças Armadas» e a que «Revolução» se refere Álvaro Cunhal?

A direcção do PC continua a conciliar com oficiais intimamente ligados e apoiados ao fascismo. E, quanto ao

«rompimento com as Forças Armadas» (burguesas, claro), não é um facto que a própria burguesia está dividida? Se não, como explicar as candidaturas de Eanes, Pinheiro de Azevedo e... a Comissão de Apoio a Costa Gomes, promovida e apoiada pela direcção do PC?

CONSOLIDAR E DESENVOLVER A ORGANIZAÇÃO DE MASSAS

A candidatura revolucionária de Otelo, candidato do Poder Popular e pela Revolução Socialista, esta a provocar uma enorme movimentação de massas em todo o país, de que serão reflexos os comícios projectados para a Azambuja, Entroncamento, Coimbra, Ovar e Porto.

OS ÚLTIMOS APOIOS À CANDIDIDATURA

- Intercomissões de Moradores dos Bairros de Lata e Pobres dos Arredores de Lisboa (SAAL)
- Comissão de Moradores do Cardoso — Guimarães
- Comissão de Moradores da Rua D. João I — Guimarães
- Comissão de Moradores do Bairro Catarina Eufémia — Guimarães
- Comissão de Moradores da Zona Centro — Trafaria

OTELO NO PORTO

O major Otelo desloca-se ao Porto no próximo Sábado, a fim de participar num comício que se realiza, à noite, na Avenida dos Aliados, subordinado às palavras de ordem «50 anos de luta contra o fascismo» e «Povo trabalhador unido para o Socialismo».

O candidato desloca-se num comboio especial que parte de Santa Apolónia, às 14.50H e que fará paragens para minicomícios, às 15.33H na Azambuja; às 16.19H no Entroncamento; às 18H em Coimbra B; às 19.30H em Ovar.

A chegada à estação de S. Bento, onde se fará uma concentração popular, está prevista para as 20.30H.

Os Grupos de Dinamização de Unidade Popular de Apoio à Candidatura de Otelo estão a mobilizar simpatizantes para a viagem ao Porto, para a qual se recebem inscrições na sede provisória central dos serviços de candidatura, na Rua Alexandre Herculano, 55, em Lisboa.





Sendo importante a coesão nas Grupos Dinamizadores de Unidade Popular, a candidatura de Otelo tem que se traduzir na consolidação e no avanço da organização autónoma dos trabalhadores (CM, CT, Sindicatos, Conselhos de Aldeia, organização dos Soldados).

Isto significa que as massas trabalhadoras não podem baixar os braços após a campanha, e que esta deverá ser aproveitada para o avanço da luta organizada contra o Poder Burguês.

É absolutamente indispensável que, em cada local de trabalho se discutam e analisem as melhores formas de consolidar e desenvolver o Poder Popular.

Só deste modo, e com uma autêntica unidade entre os revolucionários (com ou sem partido) a candidatura de Otelo fortalecerá o movimento popular.

DATURA DE OTELO

Comissão de Moradores da Av. Bocage/Rua Diogo Cão — Barreiro
 Comissão de Moradores do Monte da Caparica
 Comissão Autónoma de Ocupantes e Moradores Pobres — Freguesia do Estoril
 Comissão de Moradores da Curraleira — Lisboa
 Associação dos Moradores 25 de Abril — Linda-a-Velha
 Comissão de Moradores de Penalva — Viseu
 Comissão de Moradores de Rio de Moinhos — Viseu
 Comissão Revolucionária de Moradores de Nevogilde — Porto
 Comissão de Moradores de Santana do Mato — Coruche
 Comissão de Moradores do Bairro Angola — Camarate
 Comissão de Moradores de Rio-Seco — Lisboa

Continua na pág. 10

A DECISÃO DA PJ MILITAR

Depois de autorizado pelo Estado-Maior do Exército a candidatar-se, o major Otelo foi ontem notificado do despacho de um requerimento que apresentara ao juiz instrutor da Polícia Judiciária Militar, que o liberta da situação de liberdade vigiada em que se encontra e é do seguinte teor:

«Atendendo a que o pedido formulado pelo arguido corresponde à necessidade de maior liberdade para se candidatar à Presidência da República, e não se vendo qualquer óbice à concessão do que vem requerido, declaro suspensas todas as condições restritivas da liberdade que lhe foram impostas, a partir da apresentação pública da sua candidatura às próximas eleições presidenciais.»

A OTELO

Na minha opinião
 E no ver de muita gente
 O cérebro da Revolução
 Deve ser o presidente

I
 Meu amigo não te enganes
 Não desprezes o que é belo
 Não confundas um Otelo
 Com um General Eanes.
 Para não haver mais panes
 Na nossa jovem Revolução,
 Quem libertou a Nação
 Do fascismo indecente,
 Merece ser presidente,
 Na minha opinião.

II
 Doa lá a quem doer
 Otelo é um herói
 Sei que lá no fundo dói
 A quem só sabe comer.
 Otelo há-de viver
 Para sempre eternamente
 Com todo o amor ardente
 Do pobre e do oprimido
 Por mim não será esquecido
 E no ver de muita gente.

III

Nem Pinheiro de Azevedo
 Nem o general Costa Gomes
 Nem Eanes, nem mais nomes
 Me obrigam a ficar quedo.
 Por isso aponto o dedo
 À justiça e à razão
 Para que a nossa Nação
 Seja próspera e decente
 Devemos por em presidente
 O cérebro da Revolução.

IV

Para acabar com os fascistas,
 Latifúndios e ladrões,
 E certa corja de patrões,
 Caciques e barriguistas,
 E a praga de vigaristas,
 Numa limpeza imponente,
 Pró socialismo ir p'rá frente
 Com alegria no trabalho
 Só Otelo de Carvalho
 Deve ser o presidente.

Poesia Popular
 J.V.P. — ÉVORA



e a actualidade nacional



O PC e as presidenciais

A semelhança de outros partidos comunistas tradicionais, o Partido Comunista Português também entra no jogo da burguesia. Jogando com a consciencia revolucionária de muitas das suas bases, este partido procura fazer acreditar às massas que, de reforma em reforma, de reivindicação em reivindicação, de eleições em eleições, a burguesia capitalista verá que terá a posse dos meios de produção e entregá-los aos trabalhadores.

Nesta perspectiva, procura um governo que, não produzindo profundas transformações na sociedade, não seja demasiado hostil para os trabalhadores, é o chamado governo da «maioria de esquerda».

O Partido Comunista, depois de muita hesitação, de muita reunião, lança a hipótese de candidatar à Presidência da República, Octávio Pato, do Comité Central deste partido.

Pergunta-se: será uma derrota na possibilidade do «governo da maioria de esquerda»? Será a contenção das suas bases face ao avanço da esquerda revolucionária com a candidatura de Oteelo? Várias questões se podem por.

Na verdade, pensamos que é afirmativa a resposta a estas duas perguntas, pois sabemos como goraram as tentativas, junto do PS, de arranjar um candidato da «maioria de esquerda», assim como tem gorado as tentativas de levar o general Costa Gomes a candidatar-se, não obstante as diligencias da Comissão Nacional de Apoio à sua candidatura.

Se estes aspectos são importantes do ponto de vista da tática do PC, não menos importante é a defesa da estrutura do partido, da contenção das bases.

É o grande risco do PC.

Não há perigo de desmobilizar os trabalhadores, de modo a que criem e desenvolvam as suas organizações

representativas, para estes senhores, o perigo é perder a base de apoio, perder os votos na urna. É a posição dos partidos eleitoralistas.

O partido deve servir os trabalhadores, transmitir-lhes a linha correcta e a análise correcta da situação, e nunca servir-se dos trabalhadores para negociar nos gabinetes.

Oteelo Saraiva de Carvalho representa, para o PC, na boca do seu secretário-geral, o esquerdismo, o verbalismo esquerdista. Diz, ainda, que não tem conseguido nenhum apoio popular. Pois, se não fizer essa campanha o risco de Octávio Pato não conseguir os 15 por cento, conforme as outras eleições, é maior.

Contudo, Alvaro Cunhal parece esquecer-se do apoio que o Alentejo, assim como de milhares de trabalhadores de todos os pontos deste País, tem sabido dar ao homem que se pos ao lado deles em horas difíceis de luta concreta pela emancipação a todos os níveis, contra a opressão e a exploração.

OTELO

O PC, sabendo que não vai para ganhar as eleições, vai, desde já, como já aqui foi dito, contendo as bases e as massas sob seu controlo e tentar levá-las até uma possível candidatura de Costa Gomes que iria, talvez, buscar bases do Partido Socialista.

Então, os trabalhadores perguntam: não será uma candidatura popular, uma candidatura que unifique o movimento popular de massas, que reforce as organizações de base, que defenda as conquistas alcançadas, como a Reforma Agrária, as nacionalizações; que avance em organização e força para o poder popular, que interessa aos trabalhadores deste País?

Não digam que os trabalhadores são esquerdistas quando se preten-

tidárias.

Os trabalhadores deste País sabem unir e ultrapassar as cúpulas par-

rão dar a resposta.

ÚLTIMOS APOIOS A OTELO

Continuação da pág. 9

- Comissão de Moradores de Pontes de Marchil — Faro
- Comissão de Moradores de Sete Moinhos
- Comissão de Moradores de Amorosa
- Plenário de Moradores do Bairro de Chelas — Coimbra
- Plenário de Moradores da Quinta das Fonsecaas — Lisboa
- Coro de Ermesinde
- Comissão de Trabalhadores da Algote Internacional Fontainhas (Póvoa de Varzim) — Macieira de Rates
- Comissão de Trabalhadores da Nova Lisboa Gráfica Ld.º — Lisboa
- Comissão de Trabalhadores da Fábrica de Produtos Estrela Ld.º — Porto
- Comissão de Trabalhadores da Anselo — António Sequeira Lopes — Évora
- Plenário de Trabalhadores da Firma Francus 2000
- Assembleia Geral de Trabalhadores da Margueira-Rocha (Lisnave)
- Assembleia Geral de Trabalhadores da Setenave
- Plenário de Trabalhadores da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata
- Plenário de Trabalhadores do Centro Regional Postal (CCT) — Évora
- Plenário de Trabalhadores da Oficina n.º 2 de «Salvador Caetano — Algarve» — Faro
- Plenário de Trabalhadores de Luís Mourão — Setúbal
- Plenário do Instituto Superior de Agronomia
- Direcção e empregados do Sindicato dos Rodoviários de Setúbal
- Membros directivos do Sindicato do Comércio de Santarém
- Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Braga (Secção de Braga)
- Delegação Sindical dos Trabalhadores Agrícolas de Alburnoa
- Secretariado da União das Cooperativas de Alburnoa «Seara de Vento»
- Secretariado das Cooperativas Agrícolas do Torrão e Margem do Sado:
 - Cooperativa Agrícola Boa-Hora
 - Cooperativa Agrícola Alentejana
 - Cooperativa Agrícola 11 de Março
 - Cooperativa Agrícola Familiar
 - Cooperativa Agrícola Janelas
 - Cooperativa Agrícola Vitória do Sado
 - Cooperativa Agrícola Esperança do Sado
 - Cooperativa Agrícola 1.º de Janeiro
 - Cooperativa Agrícola Parchanas
 - Cooperativa Agrícola Vitória ou Morte — Santana do Mato — Coruche
 - União das Cooperativas do Vimieiro

CONCENTRAÇÃO NO MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO

É PRECISO ACABAR COM OS DESPEJOS

Depois do despejo brutal que se efectuou em Entrecampos, os moradores reunidos decidiram ir até ao Ministério da Habitação, para exigirem o fim dos despejos e a tomada de medidas para a legalização das casas ocupadas.

O «Revolução» esteve no Ministério e falou com vários ocupantes.

MORADOR DA CRAMO DE ARROIOS

Revolução — Porque é que veio a esta concentração?

«Vim porque ocupei uma casa para os meus filhos que estão em Paris e era para ver se o sr. ministro dá fim aos despejos e consegue fazer os arrendamentos».

Revolução — O que é que acha dos despejos?

«Acho muito mal! Nós ocupamos as casas porque precisamos e não nos recusamos a pagar as rendas. Acho que as famílias não podem viver nas ruas. O senhorio tinha a casa fechada há 16 anos com tudo a cair de podre, por isso ele não precisa nem da casa nem de renda».

Revolução — Como acha que se deve avançar contra os despejos?

«É preciso que se de ordem contra

os despejos, que os trabalhadores venham para a rua exigir o fim imediato aos despejos, senão eles não resolvem nada. Isto é uma vergonha para o nosso país, pois estão cá muitos estrangeiros e Portugal está a ficar muito mal visto.

É preciso haver uma pessoa que de ordem contra os despejos e não por a polícia contra nós trabalhadoras e trabalhadores. Eu, dia 17, estava a guardar a casa de um ocupante, em Entrecampos, veio a polícia e bateu-me fortemente e numa mulher de 66 anos. Bateram em mulheres grávidas. Acho que não lhes faltámos ao respeito para eles estarem a bater como animais.

Daqui a pouco não podemos sair para a rua porque somos reprimidos. Que merda de Governo é este?»

MORADOR DO SECRETARIADO DAS COMISSÕES DE MORADORES DAS AVENIDAS NOVAS

Revolução — Porque veio a esta concentração?

«Nós viemos para exigir o fim imediato dos despejos e temos intenções de não sair daqui sem uma resposta concreta do ministro».

Revolução — O que acha dos despejos?

«É uma onda de brutalidade e é desumano por serem despejos mas também pela forma como se processam. O comandante da polícia, no caso de Entrecampos, disse-nos, no Governo Civil, que viessemos para o juiz que tinha julgado aquela causa ou para o ministro da Habitação (fazendo mais pressão para irmos ao juiz...) e nós respondemos-lhe que não tinha existido uma audiência, visto o ocupante nunca ter sido notificado para tal e que só consideramos audiência sempre que existe um queixoso. Não existiu audiência e ele não podia ter na mão uma autorização do juiz para

proceder novamente ao despejo.

Disse-nos que não devíamos reocupar de novo, que a casa nem era para o senhorio nem para nós até que procedesse novamente à audiência. A nossa posição foi reocupar a casa, pois este caso não é o caso do sr. Vítor Machado, mas sim o caso de 15 mil a 20 mil trabalhadores que estão sujeitos a ir para a rua com crianças e pessoas de idade».

Revolução — O que acha dos despejos?

«Considero que este é um caso político de defesa da propriedade privada, por isso a pressão que as autoridades exercem sobre nós ocupantes, neste momento».

Revolução — Como acha que se deve avançar contra os despejos?

«Tomando a posição que nós tomámos em frente ao Ministério. Havendo mais unidade e organização da parte das comissões e ocupantes mobili-

zando as pessoas. Que os ocupantes não se conveçam que as comissões de moradores são um grupo de dispos-

tos a lutar e a vencer, pois esta só pode vencer se tiver a posição activa dos ocupantes e moradores pobres».

MORADOR DA COMISSÃO DE MORADORES DE S. JOÃO OCIDENTAL

Revolução — Porque vieste a esta concentração?

«Vim aqui a fim de nós falarmos com o ministro da Habitação, de sabermos o que se passa com os desalojamentos. Acho que isto não é só da

polícia, é também do Governo que os manda reprimir. Não queremos que a polícia vá contra os trabalhadores mas sim contra os gatunos que há na rua».

MORADOR OCUPANTE (IDOSO)

Revolução — Porque veio a esta concentração?

«É preciso exigir a reintegração dos ocupantes de Entrecampos e lutar contra a repressão que a polícia de choque fez aos cidadãos que estavam a apoiar a reocupação.

É preciso que o Governo tome medidas a favor das comissões de mora-

dores. Todo o cidadão tem direito a uma habitação digna. Mas isso só pode ser com o Otelo, esse é que estava do lado das ocupações. Não é como esse gatuno, esse fascista do Ramalho Eanes, que está contra nós».

Ainda nesta concentração, um ocupante pediu-nos para divulgarmos o seu julgamento.

Ilídio Gonçalves Tavares vai ser julgado no dia 8 de Junho às 10 horas, no Tribunal da Boa Hora. Motivo: Ter ocupado uma casa que se encontrava vazia na Rua de Entrecampos, no 49-A, cuja residência só servia para meter detritos.

BELAS

Por uma habitação social

Em Pego Longo, freguesia de Belas, vive-se neste momento um clima de luta por uma habitação digna e contra os divisionismos grandemente fomentados pelos caciques locais

A este propósito falámos com um camarada do Secretariado da Assembleia Popular de Belas que nos explicou:

«Em Pego Longo, há muito que se luta contra a existência de construções clandestinas, por uma habitação social, segundo o projecto já estudado pelo SAAL e que irá beneficiar os moradores pobres da zona.

Existem lá três tipos diferentes de moradores: os moradores pobres que depois de muitos anos de economias conseguem dinheiro para erguer uma barraca que nem casa-de-banho tem; aqueles que, tendo dinheiro, oportunisticamente utilizam a construção clandestina, e aqueles que não só constroem clandestinamente como alugam essas casas! Foram esses senhores (senhorios) que tentaram desde sempre provocar a confusão e lançar moradores contra moradores com a convicência de um tal arquitecto Cortês Pinto, vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sintra.

Na tentativa de ultrapassar o impasse criado por todas essas divisões e de avançar com a eleição democrática e representativa de uma Comissão

de Moradores, que, defendendo os interesses das camadas populacionais mais necessitadas, e em colaboração com a equipa SAAL, capaz de ser o motor de arranque para a concretização dos verdadeiros anseios dos moradores pobres, o Secretariado da Assembleia Popular de Belas, convocou um plenário de Moradores onde se conseguiu o pretendido, o que se traduz num verdadeiro avanço qualitativo na organização dos moradores e grandes perspectivas de conseguir uma habitação digna para os moradores pobres, e conseguir que os moradores unidos expulsem de uma vez os oportunistas e caciques».

Este é mais um dos muitos locais em que, pela prática diária se vai construindo o Poder Popular com órgãos representativos de classe, se vai avançando na organização de Trabalhadores e Moradores pobres.

Por outro lado, em Plenário realizado no passado dia 22, foram repudiados «as alianças das cúpulas dos partidos» que «à semelhança do tempo do fascismo» querem «impôr» Ramalho Eanes.

Foi considerado que Otelo, «um defensor do Poder Popular deverá candidatar-se à Presidência da República e contribuir para a coesão e resistência das forças conscientes dos trabalhadores na sua luta pelo Socialismo».



Os despejos continuam. «É preciso que os trabalhadores venham para a rua exigir o fim dos despejos...»

dos leitores

As hesitações de Otelo

Escrevo-lhe pela segunda vez. Da primeira, ainda havia esperança de isto levar um outro caminho. Agora, não há esperança nenhuma. O Abril foi substituído pelo Novembro. Antes do 25 de Abril, eu pouco percebia de política. Pouco ou nada, talvez. Além de que não estudei. Além de que passei a vida a lutar com monstros: fome, doenças, injustiças. Metida num buraco, em casa. Mais tarde, metida noutro buraco: o emprego. Com patrões, padres e beatas. Da vida apenas conhecia, sabia fazer o gesto de defesa. Não sabia atacar. E, de resto, era o «destino». Destino que me deu, à partida, tuberculose e um corpo fraco. Os meus monstros eram invencíveis.

O 25 de Abril trouxe-me uma maravilhosa luz. Soube muitas coisas. E, com a única coisa que me resta, esta minha voz fraca, eu quero dizer aqui nesta simples folha de papel, aliás o que já disse em parte, da primeira vez que lhe escrevi: à nossa máquina faltou-lhe qualquer coisa, um parafuso, uma peça, e ela parou.

E quando parou, Isabel do Carmo? Naquela vez, naquela noite em que o povo, naquela maravilhosa manifestação chamou por ele e ele não foi. Porque não pode? Mandou alguém com palavras de esperança. Mas não foi. Lembra-se? Faltou, depois, muitas vezes. Cometeu erros de que nunca se autocriticou. Quando veio da viagem a Cuba, falou carinhosamente para o Jaime Neves, nazi dos Comandos: «Então Jaiminho, os teus comandos não te querem?». E o Jaiminho lá voltou para o seu posto com duas paladinhas amigáveis. Mais tarde daria depois de uma reunião, julgo que em Tanços: «E depois não há tranquilidade, etc». Não havia tranquilidade nenhuma. Era verdade. Já as matas do País ardiam; já se atacavam e incendiavam sindicatos e casas de trabalho; já as calúnias e os boatos produziam frutos podres. Numa palavra, a fera fascista perdera o medo. Saira da toca e atacava. No entanto, ele suspirava pela tranquilidade. E a tranquilidade estava a caminho e chegaria a bom porto, por alturas de um triste dia de Novembro. Ele era a força e nós esperávamos nele.

Esperámos demais, I.C.

Quando ele ameaçou o «ciático» Carlucci, nós ficámos contentes. Quando ele ameaçava meter os «fachos» no Campo Pequeno, as nossas almas dilatavam-se de alegria: «Nós, o povo, temos alguém, o nosso Otelo, o nosso super-homem!».

Mas, no outro dia, ele pedia desculpa: «Eu sempre fui um rapaz educado, quem me conhece sabe, até os colegas da escola o sabem». E pronto.

Quem se ria entretanto, quem gozava à brava, eram os «fachos».

E era verdade, I.C.: O Otelo, o nosso Otelo, é um homem bom. É um homem simples. E nós, o povo, devemos-lhe muito. Sabemos o que ele fez de bem, de bom. Sabemos que ele nos quer bem. Mas também sabemos até onde ele pode ir. No 25 de Novembro, quando a rapaziada lhe pediu um gesto, e a rapaziada ainda esperava, a mocidade tem consigo própria reservas de esperança, e ele «ainda» era o que nos restava de força, o que fez o nosso Otelo?

Meteu-se no Palácio de Belém, de baixos das asas protectoras do Presidente. Não poderia fazer outra coisa? Acredito que não, I.C. Há muito que

a chance de a Revolução avançar estava perdida. Ele disse, depois, que foi para evitar derramamento de sangue.

Acredito que sim.

Quando havia chance, antes da fera fascista levantar a cachola, nada se fez. Não era no nosso triste Novembro que lhe cortaríamos a maldita cachola.

No entanto, ali a 23 ou 24, ele mesmo, o nosso Otelo, disse: a malta deve avançar. E a malta avançou como pode, mas avançou. Na calçada da Ajuda vi e ouvi, quando chegaram os Comandos do Jaiminho, e não esqueço: «Vêm libertar o Otelo, vêm libertar o Otelo». E era a esperança na voz daqueles jovens, daqueles trabalhadores, daquele povo. Não, I.C., eles não vinham libertar o Otelo! O Otelo, que por suas próprias pernas, se fora meter no Palácio de Belém. Eles vinham prontos a matar. E até mataram: O Albertino Bagagém, a quem eu velei antes da família chegar e em nome do povo da Ajuda, onde nasci, onde nasceram 5 gerações de pobres do meu sangue. Ali, naquele Hospital Militar da Estrela, onde a I.B.M. se apressou a enviar ricas coroas de flores para os comandos que morreram pela pátria, segundo rezavam as fitas que envolviam as belas coroas. Em nome do povo, que procurou aquele quartel como um bastião do socialismo eu contrapuz com um modesto ramo de 5 cravos e um pequeno poema.

I.C.: É crime criar ilusões. É crime não ver as coisas com realidade, com cabeça fria. É crime não fazer tudo, mas tudo, para ligar o que possa ser ligado. Sabe o que dizem os que foram da União-Nacional, que passaram pelo Partido do Progresso e que hoje dão cartas no P.S.? «São mais 50

anos». Só mais 50 anos, I.C.! E porquê? Porque a esquerda não está unida. Porque, além de não estar unida se debate-bate-insulta, entre si. Porque acho que no fundo interessa-lhe mais a sua razão, que a razão de todos. Há um pequeno partido, por exemplo, o P.R.T. que eu tenho-lhe seguido a trajectória porque lhes conheço a prática: Estão na C.M.L., ao lado da reacção. Dos antigos A.N.P., hoje P.S., dos M.R.P.P. No entanto, é ouvi-los. São comunistas de primeira água. Colaboram, na prática com os reacccionários que pululam na C.M.L. A própria U.D.P. diz que apoia o P.S., o Mário Bochechas. Mas quem ajudou (e muito) um 25 de Novembro? Não foi o P.S.? E quem matou Albertino Bagagém que apodrece debaixo da terra e que era seu filiado? Foi o 25 de Novembro, claro. Enfim, I.C., o problema agora é um só. Unir estrategicamente a esquerda. Unir e continuar a unir. Quanto ao nosso Otelo ainda quero lembrar mais uma porra: Quando saiu da prisão, porque carga de água se foi despedir dos sociais-democratas que vinham lá da célebre cimeira? Um jornal reacccionário até o gozou com anedota e caricatura.

Para mim, I.C., e não é em nome de partidos, é no meu nome, o Otelo tem que fazer um dia uma coisa. E pode e deve fazê-la. Não já, porque é cedo: Um novo 25 de Abril!

Desculpe a esta amiga que se chama M.C.

RESPOSTA

Camarada leitora do jornal «Revolução»:

Obrigada pela carta que, tal como a anterior, nos toca pela sua sinceridade

Das vacilações e hesitações de Otelo, sabemos nós todos a história,

Quem era Ulrike Meinhof?

Continuação da pág. 2

Contra os povos do Vietname e outros povos.

A R.A.F. não é um grupo anarquista, é uma organização que se auto-intitula MARXISTA-REVOLUCIONÁRIA, segundo declaração do R.A.F., no semanário «Der Spiegel» em Novembro de 1974, ainda que alguns dos seus membros fossem comunistas iberlários.

3.º — A actividade dos militantes revolucionários do R.A.F. não terminou com o encarceramento de muitos dos seus membros e a sua capacidade combativa continuou nos interrogatórios, na sua resistencia contra as condições destrutivas do regime prisional. Resistencia que não se deteve nem com o assassinato premeditado de Holger Meins, depois de tres meses de greve de fome, nem se detém com o assassinato da companheira Ulrike Meinhof; além disso, a acção revolucionária do R.A.F. continua fora das prisões e nas fábricas, bairros, e com acções armadas.

Ao redor da sua luta desenvolveram-se movimentos de solidariedade, dentro e fora da Alemanha, que obrigaram as sociais-democracias e as Policias do Mundo inteiro a aumentar a repressão, e, portanto, as condições internas de cada país.

A tal ponto chega a repressão, que

os advogados dos militantes da R.A.F. foram perseguidos, encarcerados, privados de exercer a profissão. Alguns tiveram que passar à clandestinidade acusados de terrorismo, por serem solidários com a R.A.F., por manifestarem a sua repulsa pelas condições inumanas e destruidoras a que são submetidos os presos políticos da República Federal Alemã.

A cumplicidade das sociais-democracias na repressão fica clara com a actuação da Policia sueca, contra a acção revolucionária de militantes da R.A.F., na tomada da Embaixada alemã em Estocolmo, em Abril de 1975, para conseguir a liberdade de todos os membros da R.A.F. na prisão, acção que foi sangrentamente reprimida e os sobreviventes entregues imediatamente à Policia alemã.

Não temos que esquecer que são estes sociais-democratas os pais económicos e espirituais que dirigem Mário Soares na sua luta pela «reconstrução do País».

NOTA IMPORTANTE:

É lamentável e inadmissível que jornais, que são porta-vozes de organizações revolucionárias, como o «Revolução», se limitem a publicar por cumprir uma notícia quase decalcada dos diários da burguesia, que ademais fal-

as causas e também as consequências Sabemos nós e sabe ele, quando diz na mensagem que enviou ao plenário do LNEC: «Um obrigado com um abraço amigo para todos vós, pela confiança que apesar de todas as minhas hesitações e contradições ao longo do processo, vocês continuam a depositar em mim»

Mas há uma coisa que também podemos todos concluir É que não é um homem que faz a Revolução Tem de ser os trabalhadores organizados e armados O proletariado não pode depositar nas mãos seja de quem for a resolução dos seus problemas Esse foi um dos problemas destes dois anos: o MFA foi tão glorificado, tão «salvador» e disseram tanto que o «povo está com o MFA» que o povo pensou que podia estar descansado que o MFA resolvia as coisas E do MFA restam figuras que, pelo que sinceramente deram ao processo, pensam poder ser «salvadores»: Vasco Gonçalves, Otelo Ora, o povo não pode ter salvadores Não foram Fidel Castro, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, que fizeram a Revolução nos seus países Foi o povo em armas

Essa verdade é válida também para aqui No entanto, a figura de Otelo, por aquilo que o Copcon fez — o apoio à ocupação de casas e de campos, o apoio aos trabalhadores em luta, o apoio às manifestações revolucionárias — por ter sido preso no 25 de Novembro, por aquilo que é, neste momento, permite um grande movimento de massas à sua volta, que seja unificador dos trabalhadores e dos revolucionários A sua candidatura será uma bandeira à volta da qual se faça uma arrancada da esquerda, contra o fascismo e pela Revolução socialista, única capaz de iniciar a resolução dos problemas dos explorados

sificam a realidade, falando de «grupo Baader-Meinhof» ou «militante anarquista», etc., etc.

Uma possível solução para evitar estes erros é o contacto e troca de informação entre organizações revolucionárias anticapitalistas a nível internacional.

PELO PODER INTERNACIONAL DOS CONSELHOS OPERÁRIOS!
PELO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!
DOIS SIMPATIZANTES DO P.R.P.-B.R. E.R.A.F.

NOTA DA REDACÇÃO:

Reconhecemos a pertinência desta crítica que os camaradas fazem ao artigo referente à morte da militante revolucionária Ulrike Meinhof.

Efectivamente, «é lamentável e inadmissível» o pouco rigor da dita notícia.

Pedimos desculpa aos leitores e registamos com agrado a vigilância revolucionária que traduzem as palavras acima escritas.

Corrigimos que não há P.R.P.-B.R., mas sim P.R.P. e B.R. cada um para seu lado.

GRAMSCI

O PARTIDO POLÍTICO

António Gramsci, fundador e dirigente do Partido Comunista Italiano, nasceu em 22 de Janeiro de 1891 e morreu em 27 de Abril de 1937, após sete anos de sofrimento.

Preso em 8 de Novembro de 1926 aquando da proibição do Partido Comunista pelos fascistas (os quais tinham subido ao Poder em 1922), Gramsci passou o resto da sua vida preso, sob a acusação de ter instigado à guerra civil.

É justamente na prisão que Gramsci consagra os seus dias e as suas noites ao estudo. Grande parte da vastíssima obra política e cultural deste revolucionário é, pois, escrita em condições muito especiais.

Os extractos que hoje reproduzimos pertencem a um artigo intitulado «O Partido Político», sendo os sublinhados e subtítulos da responsabilidade da redacção.

«Quando se pretende escrever a história de um partido político, na realidade é preciso enfrentar toda uma série de problemas, muito menos simples do que se possa pensar.

O que será a história de um partido? Será a mera narração da vida interna de uma organização política? Como nascem, os primeiros grupos que a constituem, as polémicas ideológicas através das quais se forma o seu programa e a sua concepção do mundo e da vida? Em tal caso, tratar-se-ia da história de restritos grupos intelectuais e, por vezes, da biografia política de uma só individualidade. O caixilho do quadro deverá, portanto, ser mais vasto e compreensivo.

Deverá fazer-se a história de uma determinada massa de homens que seguiu os promotores, os apoiou com a sua confiança, com o a sua lealdade, com a sua disciplina ou os criticou «realisticamente» dispersando-os ou permanecendo passiva perante tais iniciativas. Mas será esta massa constituída apenas pelos aderentes ao partido? Será suficiente seguir os congressos, as votações, etc., isto é, todo o conjunto de actividades e de modos de existência com que uma massa de partido manifesta a sua vontade? Evidentemente, que será preciso ter em conta o grupo social de que o partido dado é expressão e parte mais avançada: a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos. Só do quadro complexo de todo o conjunto social e estatal (e muitas vezes também com interferências internacionais) poderá nascer a história de um determinado partido, pelo que se pode dizer que escrever a história de um partido significa nada mais nada menos que escrever a história geral de um país de um ponto de vista monográfico, para dela realçar um aspecto característico. Um partido terá tido um maior ou menor significado e peso, na medida precisamente em que a sua particular actividade terá pesado mais ou menos na determinação da história de um país.

Eis, pois, que do modo de escrever a história de um partido desponta que conceito se tem daquilo que é um partido e daquilo que ele deve ser. O sectário exaltar-se-á nas intrigas internas, que terão um entusiasmo místico; o historiador, mesmo dando a cada coisa a importância que tem no quadro geral, porá o acento sobretudo sobre a eficiência real do partido, sobre a sua força determinante, positiva e negativa, no ter contribuído para

criar um acontecimento e também no ter impedido que outros acontecimentos se dessem.

O PARTIDO AO LONGO DO TEMPO

A questão de saber quando é que um partido se formou, isto é quando é que tem uma tarefa precisa e permanente, dá lugar a muitas discussões e muitas vezes também, infelizmente, a uma forma de vaidade, que não é menos ridícula e perigosa do que a «vaidade das nações» de que fala Vico. É verdade que se pode dizer que um partido nunca está acabado e formado, no sentido de que cada desenvolvimento cria novas tarefas e encargos e no sentido de que para certos partidos é verdadeiro o paradoxo que estão acabados e formados quando já não existem, isto é, quando a sua existência se tornou historicamente inútil. Assim, pois, que cada partido não é senão uma nomenclatura de classe, é evidente que para o partido que se propõe anular a divisão em classes, a sua perfeição e acabamento consiste no não existir mais, porque não existem classes nem, portanto, as suas expressões. Mas aqui pretende aludir-se a um momento particular deste processo de desenvolvimento, ao momento sucessivo àquele em que um facto pode existir, no sentido de que a necessidade da sua existência não se tornou ainda «peremptória», mas depende «em grande parte» da existência de pessoas de extraordinário poder volitivo e de extraordinária vontade.

A NECESSIDADE HISTÓRICA DO PARTIDO

Quando é que um partido se torna «necessário» historicamente? Quando as condições do seu «triunfo», da sua inelutável transformação em Estado estão pelo menos em vias de formação e deixam prever normalmente os seus ulteriores desenvolvimentos. Mas quando é que se pode dizer, em tais condições, que um partido não pode ser destruído com meios normais? Para responder é preciso desenvolver um raciocínio: para que exista um partido é preciso que confluam três elementos fundamentais (isto é, três grupos de elementos):

1) Um elemento difuso, de homens comuns, médios, que oferecem como participação a sua disciplina, e a sua fidelidade, mas não o espírito de criação e de alta responsabilidade.

Sem eles, o partido não existiria «unicamente» com eles. São uma força enquanto há quem os centralize, organize, discipline, mas na ausência desta força coesiva dispersar-se-iam e anular-se-iam numa poeirada impotente. Não se nega que cada um destes elementos possa tornar-se numa das forças coesivas, mas deles se fala precisamente no momento em que o não são e em que não estão em condições de o ser, e, se o são, são-no apenas num círculo restrito politicamente ineficiente e sem consequência.

2) O elemento coesivo principal, que centraliza a nível nacional, que faz tornar eficiente e potente um conjunto de forças que, entregues a si, não contariam nada, ou contariam pouco, é um elemento dotado de força altamente coesiva, centralizadora e disciplinadora, e também, ou melhor, talvez precisamente por isto, criativa (se se entende por «criativa» uma certa direcção segundo certas linhas de forças, certas perspectivas e também certas premissas); é também verdade que, sozinho, este elemento não formaria o partido. No entanto, formá-lo-ia mais do que o primeiro elemento considerado. **Fala-se de capitães sem exército, mas na realidade é mais fácil formar um exército do que formar capitães.** Tanto é verdade que um exército já existente é destruído se vêm a faltar os capitães, enquanto a existência de um grupo de capitães, reunidos de acordo entre si, com fins comuns, não tarda a formar um exército mesmo onde não existe.

3) Um elemento médio, que articula o primeiro com o segundo elemento, que os põe em contacto, não só «físico», mas moral e intelectual. Na realidade, para cada partido existem «proporções definidas» entre estes tres

elementos e atinge-se o máximo de eficiência quando tais «proporções definidas» se realizam.

Feitas estas considerações, pode dizer-se que um partido não pode ser destruído com meios normais, quando, existindo necessariamente o segundo elemento, cujo nascimento está ligado à existência das condições materiais objectivas (e, se este segundo elemento não existe, qualquer raciocínio é vazio de sentido), mesmo num estado disperso e vago, não podem deixar de formar-se os outros dois, isto é, o primeiro, que necessariamente forma o terceiro como sua continuação e meio de se exprimir.

Para que tal aconteça, é preciso que se tenha formado a convicção férrea de que é necessária determinada solução dos problemas vitais. Sem tal convicção não se formará o segundo elemento, cuja destruição é a mais fácil pelo seu escasso número, mas é necessário que este segundo elemento, se destruído, tenha deixado, como herança, um fermento que lhe permitirá reformar-se. Onde é que este fermento subsistirá melhor e onde é que se poderá formar melhor senão no primeiro e no terceiro elemento, que, evidentemente, são mais homogêneos que o segundo? A actividade do segundo elemento para constituir este elemento é por isso fundamental: deve procurar-se o critério de juízo deste segundo elemento: 1) naquilo que realmente faz; 2) naquilo que prepara na hipótese de uma sua destruição. Entre os dois factos é difícil dizer qual dos dois é mais importante. **Já que na luta se deve sempre prever a derrota, a preparação dos próprios sucessores é um elemento tão importante como o que se faz para vencer**

VIANA DO CASTELO

“OTELO: A ALTERNATIVA PARA OS EXPLORADOS”

Camaradas:

A candidatura de Otelto Saraiva de Carvalho à presidência da República, apresenta-se como última alternativa às massas trabalhadoras, aos explorados e oprimidos.

Com efeito, os Eanes, Píneiros de Azevedo e outros que tal representam o papel de candidatos da burguesia exploradora, representam a caminhada para o fascismo iniciada com o golpe reaccionário do 25 de Novembro que eles próprios projectaram. Golpe esse em que a maioria das conquistas dos trabalhadores até essa data foram negados e esmagados pela burguesia.

Otelto, pelo contrário, representa essas mesmas conquistas, representa a defesa das ocupações revolucionárias de casas e terras pelos trabalhadores, representa a democracia dentro dos quartéis (que agora Ramalho Eanes transformou na feroz disciplina militarista aconselhada pelo RDM fascista), Otelto representa o poder popular, a Revo-

lução socialista.

Portanto desde a primeira vez desde o 25 de Abril, os trabalhadores, soldados e marinheiros, os camponeses pobres e todos os demais explorados, pela exploração desenfreada do capital nacional e estrangeiro, têm a oportunidade de se unirem em torno de um programa comum e de uma figura soberbamente conhecida, para dar a machadada final no capitalismo e na classe dominante, a burguesia.

Desta vez os trabalhadores já sabem bem que a «maioria de esquerda» que os enganou nas últimas eleições se provou na realidade uma maioria de direita, com as cúpulas do PS a apoiarem Ramalho Eanes ao lado dos partidos fascistas CDS e PPD. Por outro lado e desta vez os trabalhadores já podem verificar que o PC tenta dividi-los ao preferir apoiar um candidato que nunca conseguirá qualquer espécie de unidade, a apoiar um homem como Otelto Saraiva de Carvalho que neste momento é já

visto como o candidato das massas trabalhadoras.

O PC que dizia inicialmente que apoiaria um militar que representasse o espírito libertador do 25 de Abril, ao ver que o PS (com quem contava fazer isso) fugia para a direita ao mesmo tempo que os seus militantes (do PC) fugiam para a esquerda apressou-se a apresentar um candidato que não é carne nem é peixe, ou seja não compromete nem à esquerda nem à direita.

Mas os trabalhadores de base do PS e do PC já lhes deram a resposta adequada ao apoiarem massivamente a candidatura revolucionária de Otelto Saraiva de Carvalho.

CANDIDATURA REVOLUCIONÁRIA, AO SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
PELO PODER POPULAR

Organização
Local de Viana do
Castelo do PRP (19-5-76)

internacional

O PODER POPULAR EM ANGOLA

A luta de libertação do povo angolano contra o colonialismo português e o imperialismo esteve sempre ligada à luta que o proletariado desenvolveu e desenvolve em Portugal contra a dominação burguesa e a ingerência imperialista.

O movimento revolucionário das ex-colónias portuguesas impôs sérias derrotas ao exército colonialista através da luta prolongada que envolveu a resistência de todo o povo, organizado em estruturas democráticas e revolucionárias. A vanguarda de libertação do povo angolano, o MPLA, desenvolveu junto do povo as formas de organização populares capazes de resistir à invasão do exército do Zaire, força principal da FNLA e à penetração desencadeada no sul de Angola pelo exército sul-africano. Esta organização e mobilização do povo angolano permitiu a vitória contra as forças reaccionárias agressoras e aos conluídos dos Governos provisórios de Lisboa. Esta organização e resistência serviu de experiência para a definição do poder popular de hoje em Angola, para o exercício do poder político e para a reconstrução do país e o avanço da revolução.

Na evolução política da luta de classes colocam-se, claramente, duas alternativas: ou o poder popular avança na sua organização e se consolida em todo o país, criando condições para a destruição do poder burguês, ou os órgãos de poder popular são esmagados pela repressão da classe exploradora e o proletariado sofre um profundo revés, do qual deverá tirar as lições necessárias para o desenvolvimento da sua luta futura contra a exploração, a repressão, contra o Estado burguês e o imperialismo.

Em Portugal, depois do 25 de Abril, está em jogo o desenvolvimento do poder popular com uma perspectiva de conquista do poder político e a instauração da ditadura do proletariado. Ou as forças reaccionárias esmagarão este poder embrionário existente e incompatível com a dominação da burguesia, com a exploração e a recuperação capitalista do país; ou o proletariado se organiza suficientemente em torno de um programa revolucionário que estabeleça as condições necessárias para a derrota da burguesia e o exercício do poder político através de seus órgãos de poder.

Mas para a organização e o desenvolvimento do poder popular os revolucionários devem colocar com clareza a perspectiva da conquista do poder político. O poder popular somente poderá existir e se consolidar se se tem como orientação central a destruição da burguesia, enquanto classe dominante, e para isso a necessidade da organização armada e da revolução socialista.

A experiência do povo angolano na luta de libertação contra o colonialismo e a invasão imperialista mostrou que o poder popular somente poderá desenvolver-se e consolidar quando se tem uma estratégia voltada para a conquista do poder e o esmagamento da burguesia e seus instrumentos de dominação.

A experiência do povo chileno, também nos entregou uma grande contribuição sobre o poder popular.

Ali houve uma séria derrota, porque a classe operária foi conduzida por falsas ilusões reformistas, eleitoralistas, pacifistas. No Chile, o poder popular existiu antes de Setembro de 1973, paralelamente ao Estado burguês e a alternativa colocou-se: ou o proletariado destruiu o Estado burguês e exercia o seu domínio de classe sobre a burguesia, ou a burguesia com o seu exército destruiu o poder popular. A amarga experiência do pacifismo e do eleitoralismo e a falta de uma alternativa revolucionária para a tomada violenta do poder político levou a classe operária a uma profunda derrota e a destruição dos órgãos de poder popular. As contradições aguçaram-se de tal maneira que a burguesia já não tinha condições para exercer o seu poder e perdia influência no aparelho de Estado controlado pelo reformismo; a contradição fundamental não era entre a política reformista e a burguesia, mas entre a burguesia e o crescimento do poder popular que ameaçava ultrapassar os esquemas controleiros do PC chileno e desencadear uma ofensiva no sentido da conquista do poder. A experiência chilena demonstrou que o reformismo controleiro, o eleitoralismo e o pacifismo não asseguram o desenvolvimento do poder popular e que não existiu uma alternativa revolucionária que colocasse com clareza a necessidade da conquista violenta do poder e a instauração da ditadura do proletariado.

Estas e outras experiências de poder popular são importantes para o desenvolvimento da luta de classes em Portugal, isto é, para a clarificação do poder popular existente e para o seu desenvolvimento futuro.

É por isso que publicamos a lei constitucional do poder popular de Angola e também para o conhecimento das actuais estruturas de poder que se desenvolvem na República Popular de Angola, depois da conquista do poder político.



REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA LEI, N.º 1/76 CONSELHO DA REVOLUÇÃO DE 5 DE FEVEREIRO

1. O poder popular começa por se manifestar no quadro de luta de classes e nas sociedades em que a burguesia é a classe dominante. Em casos de insurreição popular, de profunda crise em que a burguesia perde o monopólio do exercício do poder político ou durante uma guerra popular de longa duração, existem condições para o aparecimento do poder popular.

Nestes momentos históricos o poder popular surge em certas regiões ou locais de trabalho e existe paralelamente ao poder da burguesia e em constante luta com ele. Na evolução política dessas sociedades em que a luta de classes se agudiza podem verificar-se duas situações: ou os órgãos através dos quais o povo exerce o poder se desenvolvem, alastram o consolidam em todo o País destruindo a ordem política dos exploradores e criando condições para a instauração de um Estado democrático popular ou os órgãos populares são esmagados continuando as classes exploradoras a exercer a sua ditadura.

2. A luta armada de libertação nacional, iniciada a 4 de Fevereiro de 1961, possibilitou o controlo pelo MPLA de vastas áreas do país onde o povo organizado e armado detinha o poder e o exercício através de órgãos próprios. Assim, a luta de libertação nacional que está na base da independência a 11 de Novembro, garante hoje as condições para o desenvolvimento e consolidação do poder popular em todo o país.

Por outro lado, as lutas de libertação nacional nas colónias portuguesas e a agudização da luta de classes em Portugal provocaram uma crise estrutural no sistema colonial português. Estes factos tiveram como consequência a divisão e desintegração das forças armadas portuguesas e conduziram a uma independência no poder.

A impossibilidade de exercício do monopólio do poder político pela burguesia colonial facilitou o desenvolvimento das lutas populares e o aparecimento de grandes movimentações de massas nos centros urbanos, especialmente em Luanda onde o desenvolvimento das forças produtivas era maior

e onde havia por isso, uma classe operária mais numerosa e consciente.

Esta crise da burguesia colonial e a consequente ineficácia dos seus instrumentos de repressão, levou os colonos a armarem-se para o exercício da repressão directa. Por outro lado, as massas populares dos bairros suburbanos organizaram-se para o exercício do poder popular, do poder dos oprimidos, paralelo ao poder da burguesia colonialista.

Os interesses desta burguesia e dos monopólios internacionais passaram entretanto a ser representados pela UPA/FNLA/UNITA, assistindo-se então a uma feroz repressão sobre os órgãos embrionários mais reais, de poder popular existentes, como por exemplo, as Comissões Populares de Bairro e as Frentes de Kimbo.

Lançando a semente, apoiando e defendendo o poder popular e os órgãos através dos quais as massas populares exprimiram directamente a sua vontade, o MPLA mais uma vez se demarcou ideologicamente das organizações políticas fantoches existentes. Só no MPLA o povo explorado encontrou sempre apoio para a sua luta.

Desde a sua fundação o MPLA assumiu fortes responsabilidades perante as massas mais exploradas do nosso País, comprometendo-se no seu Programa a defender sobretudo os interesses dessas largas camadas da população.

3. O artigo 3.º da Lei Constitucional garante às massas populares a participação no exercício do poder político.

A presente Lei desenvolve o princípio constitucional atrás referido, regulando as formas de organização popular e as suas relações com o aparelho de Estado. A aplicação desta lei exigirá do MPLA e do nosso Povo um enorme esforço de mobilização e organização pois as dificuldades a ultrapassar, na actual fase de agressão militar estrangeira são grandes.

O Conselho da Revolução considera que é chegado o momento de institucionalizar a real democratização das estruturas políticas e económicas do nosso País.

Nestes termos, ao abrigo da alínea a) do artigo 38.º da Lei Constitucional e no uso da faculdade conferida pela alínea e) do artigo 32.º da mesma Lei,

COLUNA
INTERNACIONAL

● O presidente da França Valéry Giscard d'Estaing visitou os Estados Unidos da América e provavelmente debateu a situação política no sul da Europa e o avanço da esquerda.

● O presidente francês Giscard d'Estaing declarou haver discutido um plano com Henry Kissinger e com o Governo sírio no sentido de enviar soldados franceses para «garantirem a paz» no Líbano. Isto aconteceria «se o Governo do Líbano pedisse».

● Os tipógrafos franceses declararam uma greve na passada sexta-feira, contra a expulsão, pela polícia, dos trabalhadores que ocupavam uma tipografia, em Caen, no Noroeste da França. Jornalistas aderiram à greve e reclamam melhores salários e condições de trabalho.

● Kissinger, no seu discurso na Conferência da NATO, na qual participou Melo Antunes, afirmou que a NATO não consentirá que a URSS imponha a sua ideologia ao Ocidente e que é necessário manter o equilíbrio da Aliança, para se defenderem da «agressividade e aventureirismo». A análise «dura» de Kissinger, encontrou eco no ministro dos Negócios Estrangeiros alemão Genscher que afirmou a necessidade de uma mudança na capacidade da NATO.

● O Governo do Panamá exige que os Estados Unidos lhe devolva a plena soberania sobre os 1432 km² que se encontram sob a jurisdição dos EUA desde 1903. O presidente Omar Torrijos afirmou que «vamos descolonizar, negociando ou lutando».

● O PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) admitiu que democracia e monarquia são compatíveis. «Felipe Gonzales, secretário-geral do PSOE declarou que o povo espanhol não identifica as liberdades democráticas com a forma republicana de Governo». Esta orientação também é seguida por muitos socialistas portugueses que admitem a volta dos Pides, Spínola etc.

● A Igreja italiana pediu para os católicos votarem a favor da democracia cristã nas próximas eleições gerais em Junho. Numa conferência episcopal foi feita uma ameaça velada revelando-se que os católicos que votaram nos comunistas seriam excomungados.

● Dirigentes do PCI declaram em Roma que estão dispostos a procurar a participação dos democratas cristãos num governo de coligação, mesmo que a esquerda alcance a maioria nas eleições.

● Foi criada uma «terra de ninguém» na Namíbia, com um quilómetro de largo, ao longo dos 1500 quilómetros da fronteira com a República Popular de Angola. Esta medida foi anunciada em número especial do jornal oficial do Governo sul-africano, sendo que já começaram a ser evacuadas as populações da área. Este acto constitui uma ameaça à RPA e à SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) que luta pela libertação da Namíbia e desenvolve acções guerrilheiras ao norte do território.

● Forças nacionalistas atacaram uma junção ferroviária a cerca de 160 quilómetros de Salisbúria, obrigando o encerramento de todo o tráfego entre Salisbúria e Umtali capital da região oriental do país. Os guerrilheiros buscam derrubar a minoria de 275 mil brancos que actualmente dominam o poder na Rodésia.

● O ex-presidente argentino Hector Campora refugiou-se na embaixada do México em Buenos Aires e espera que o Governo do general Videla lhe forneça salvo-conduto para abandonar o país.

● O dirigente do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) chileno «é submetido a cruéis torturas pelas forças repressivas chilenas» afirmou na capital mexicana o ex-ministro da economia do Governo de Allende, Pedro Vuskovic.

● Foram presas em Santiago do Chile três importantes membros do Partido Comunista Chileno, incluindo o secretário-geral interino Victor Diaz.



«Os órgãos do poder popular (...) são aqueles através dos quais as massas populares, sob a orientação e controlo da sua vanguarda revolucionária, o MPLA, exercem o poder político» (Art. 1.º Capítulo I)

o Conselho da Revolução decreta e eu promulgo o seguinte:

DISPOSIÇÕES GERAIS
CAPÍTULO I

Artigo 1.º (Definição)

1. Os órgãos de poder popular a que se referem os artigos seguintes, são aqueles através dos quais as massas populares, sob a orientação e controlo da sua vanguarda revolucionária, o MPLA, exercem o poder político.

2. Cabe aos órgãos de poder popular a defesa, consolidação e desenvolvimento das conquistas revolucionárias das massas populares, em especial dos operários e dos camponeses.

Artigo 2.º (enumeração dos órgãos de Poder Popular)

1. São órgãos de Poder Popular Po. Po.

- a) As Comissões Comuns nas respectivas Comunas (C. C.);
- b) As Comissões Municipais nos respectivos Conselhos (C. M.);
- c) As Comissões Provinciais, nas respectivas Províncias (C. P.);
- d) A Assembleia do Povo (A. P.)

2. São órgãos de poder popular nas comunas rurais:

- a) As Assembleias Populares de Povoação (A. P. P.);
- b) As Comissões Populares de Povoação (C. P. P.);

3. São órgãos de poder popular nas comunas urbanas:

- a) As Assembleias Populares de Bairro (A. P. B.);
- b) As Comissões Populares de Bairro (C. P. B.);

Artigo 3.º (Unidades Administrativas)

1. Para os fins previstos na presente Lei Angola divide-se em Províncias,

2. As províncias dividem-se em Concelhos e estes em Comunas Urbanas e Comunas Rurais.

3. As Comunas Urbanas dividem-se em Bairros e as Comunas Rurais em Povoações.

A VERDADE
DO PROBLEMA

O nosso desejo seria estabelecer, o mais cedo possível relações harmoniosas com o Povo Português.

É nesta forma clara e precisa que o Presidente da República Popular de Angola — camarada Agostinho Neto — falou no dia 16 de Maio à população do Lubango a propósito das relações com Portugal.

Cabe, pois, à classe operária, aos trabalhadores e aos revolucionários deste País concretizar na prática uma vivência de interesses comuns entre os dois povos, interesses esses que nada têm a ver com os interesses do capital colonialista escorraçado de Angola; que nada têm a ver com a política conciliadora e social-democrata dos «Nove»; que nada tem a ver com o oportunismo partidário daqueles que sob o rótulo de «vanguardas populares» apoiam e fomentam na prática as OCA's ou ainda, com aqueles cujo reformismo os tem levado aos compromissos mais sujos de conciliação de classes e que na prática política sabotam iniciativas de solidariedade entre os dois povos como ainda há pouco sucedeu com a campanha de solidariedade e apoio ao povo angolano.

Não é, pois, por acaso que mais uma vez o nome «Angola» merece os primeiros títulos da chamada «Imprensa pluralista». Desde os «xuxas» aos vários «diários» e «semanários», otom de «surpresa», de «estranheza», de «mal-entendidos» causado pela decisão do Governo de Angola é pintado das formas mais variadas e sempre tentando camuflar o que é claro como água.

No dia 27 de Abril a RPA apresentou uma nota de protesto pela abertura concedida pelo Governo português à campanha generalizada contra o MPLA, orquestrada pelos jornais fascistas privados e estatizados; à autorização dada a agentes da CIA como Vaal Neto para realiza-

rem conferências de Imprensa; à circulação desse pasquim chamado «Retornado»; e, finalmente, aos ataques elpistas/spinolistas à Casa de Angola no Porto e à Embaixada de Cuba em Lisboa.

A República Popular de Angola fixou um prazo de 48 horas para que lhe fossem dadas explicações sobre todos estes actos inamistosos para com o povo angolano.

Pois o Governo angolano não esperou 48 horas, levou a sua paciência ao limite de 21 dias!!!

E agora fala-se em «surpresa» e em «estranheza»!

Só o capitalismo e aqueles que colocam a sua estratégia política ao serviço da conciliação entre explorados e exploradores são atingidos pela decisão da RPA.

Por isso, tanto o caixeiro-viajante do imperialismo americano Kissinger, como o «cérebro político» dos «nove», Melo Antunes, reconhecem que o «Ocidente» vai ter sérias dificuldades nos contactos com Angola. É que o tempo das «patacas» está a terminar!

Exactamente acaba de ser decretada pela RPA a «Lei de Intervenção Estatal» em que as empresas agrícolas, fazendas, fábricas e casas abandonadas são confiscadas pelo Estado para bem do povo e vão ser entregues ao povo através da sua organização de massas, o poder popular.

Compreende-se, agora, o que provoca a fúria da burguesia. É por isso mesmo, que cabe neste momento uma grande responsabilidade militante dos trabalhadores e revolucionários portugueses: toda a sua capacidade de luta é necessária para consolidar e fazer avançar o poder popular, a única forma de destruir o actual poder político-militar e estabelecer uma solidariedade militante concreta com os povos irmãos das ex-colónias.

Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Um homem de direita disse a semana passada que na noite de 24 para 25 de Abril de 1974 tinham andado à procura de Costa Gomes para o meter no movimento Calúnia? ou: «Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades»? De qualquer modo prevemos que na noite de 27 para 28 de Maio de 1976 os reformistas terão que fazer o mesmo para o meter na candidatura. E isto sempre com o Pato no bolso, claro — para só o colocar em última instância. Desgraçado jogo oportunista!

Enquanto isto se passa, um largo movimento de apoio, que ultrapassa as barreiras partidárias, rodeia a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho, candidato dos explorados contra a burguesia.

Dizem alguns trabalhadores que, se Otelo tivesse querido, tinha tornado possível a Revolução Socialista em Portugal, enquanto teve todo o poder no Copcon. Talvez seja a verdade. Mas, será correcto pensar que a revolução socialista depende de um homem e é feita por um homem? A Revolução Socialista tem de ser feita pelos trabalhadores armados, única forma de se dar a tomada do poder pelos trabalhadores e não por um punhado de homens nos quais os trabalhadores delegam o poder.

E a verdade é que Otelo reúne, neste momento, condições para se tornar o candidato das massas populares. Por aquilo que o Copcon foi: o apoio prestado às ocupações de casas; o apoio prestado às ocupações de terras; o apoio prestado aos trabalhadores nos conflitos com os patrões; o apoio prestado às manifestações de rua dos trabalhadores. Por aquilo que ele se tornou no 25 de Novembro, tornando-se um alvo dos ataques da direita, preso em Santarém, não por ter feito qualquer conspiração, mas por ter feito o 25 de Abril. Símbolo que era do 25 de Abril, por o ter planeado e chefiado, a burguesia consagrou-o como tal, concentrando nesse homem toda a ira (e a repressão possível) daqueles que nessa data da queda do fascismo, perderam os privilégios que tinham.

Por tudo isso, Otelo tornou-se no candidato que reúne as condições para uma larga adesão, como o demonstram os milhares de apoios chegados à candidatura.

Por tudo isso, é o candidato que pode fazer a unidade entre os trabalhadores e entre os revolucionários e constituir o fermento de uma das coisas mais importantes para a revolução — a unificação dos trabalhadores.

Esta é a candidatura dos explorados, a candidatura da esquerda. No pólo oposto há a candidatura oficial, a candidatura de Eanes. Mas disfarçado pela presença de «democratas», sobretudo, apoiado por toda a direita, esse homem simboliza, até fisicamente, a porta aberta ao fascismo. E, desde já, toma uma medida que marca um caminho: o homem que o vai substituir no CEME é o general Figueiredo, conhecido pelas suas posições de direita. Logicamente essa candidatura é apoiada pela AOC, pelo PCP (m-l) e pelo MRPP, o que está de acordo com as posições reacçãoárias destas organizações que se mascaram de esquerda, mas que são de direita.

A par desta candidatura, a posição de Kaúlza, é uma reserva para a direita e é uma atitude que serve à burguesia para demonstrar que há alguém à direita de Eanes. E há ainda Azevedo, que foge ao controlo da burguesia, mas que é uma candidatura de direita. Serve, no entanto, à esquerda, porque divide os votos dessa mesma direita.

Mas, também na esquerda (?) existe essa divisão. É por isso que surgem os atarefados reformistas à procura de um candidato anti-Otelo, seja ele Costa Gomes ou Pato Assim, arranjam um lugar ao sol se Eanes vencer. Mas que derrota esta gente terá se, ao contrário, for a Revolução Socialista a vencer.

É por essa Revolução Socialista, é pela organização popular de base, é pelo poder dos trabalhadores que temos que fazer esta campanha. Mas, não só: é continuando também a unir e a organizar nas fábricas e nos campos

PELO AVANÇO DA ORGANIZAÇÃO POPULAR DE BASE

A BURGUESIA DIVIDIDA NOS VOTOS

A burguesia não conseguiu encontrar forma de se apresentar unida às eleições presidenciais. Se bem que os grandes partidos social-democratas e fascizantes tenham acordado no candidato favorito — Eanes — não é menos certo que a candidatura de Pinheiro de Azevedo veio dividir o bloco das forças burguesas e reacçãoárias. Mas talvez que a candidatura de Pinheiro de Azevedo veio dividir o bloco sensivelmente as mesmas de Eanes tenha sido provocada e se integre numa vasta e hábil manobra, onde também se encontra incluída a candidatura de Pato e as denodadas tentativas para que Costa Gomes se candidatasse. Não nos esqueçamos que há várias variáveis em jogo, conforme as diferentes fracções de classe da burguesia. Não nos esqueçamos que há várias polícias internacionais a pensar e a agir por detrás da cena política portuguesa.

O MOVIMENTO DE MASSAS E O PAPEL SABOTADOR DO PCP

No campo dos trabalhadores, dos revolucionários e das forças progressistas, deu-se uma movimentação de Norte a Sul do País exigindo a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho. Já antes das eleições legislativas indicava o PRP que era possível e necessário criar uma ampla unidade e mobilização à volta de uma candidatura à Presidência que unisse as massas trabalhadoras. Uma candidatura que demarcasse na Sociedade Portuguesa o campo que defende os interesses da burguesia do campo que defende os interesses do proletariado. E cedo essa escolha começou a colocar-se a amplas massas trabalhadoras.

Trabalhadores, militantes operários, revolucionários e progressistas sem partido, de várias tendências, vindos das bases do PS do PC, de outras forças de esquerda ultrapassando divisões partidárias, conseguiram fazer ganhar força à ideia de unir explorados e oprimidos em torno de uma candidatura, cuja movimentação e organização podem gerar condições para barrar o caminho ao fascismo e fazer avançar o movimento operário e popular no sentido da Revolução Socialista.

Quando esta perspectiva se desenhava para milhares e milhares de trabalhadores de

Norte a Sul do País, os dirigentes do PCP que tudo fizeram para desacreditar, evitar e desmobilizar a candidatura de Otelo, apresentam Pato como candidato partidário, como candidato divisionista dos trabalhadores. O PCP, que tão demagogicamente tem falado na necessidade de unir as classes trabalhadoras e as forças progressistas, mostra assim qual é a unidade que pretende, mostra assim, uma vez mais, os interesses da clique dirigente do PCP acima dos interesses das classes trabalhadoras. Segundo os dirigentes do PCP, «a candidatura de Otelo não serve a Revolução» e eles «não apoiando os militares candidatos do Conselho da Revolução também não os hostilizam». Mais, os dirigentes os controladores, os caciques do PCP avançaram já, uma vez mais, de forma grave, pelo caminho da calúnia, da demagogia, da provocação e da divisão dos trabalhadores. Os boatos lançados, os comunicados (como o da distrital de Évora do PCP), as declarações de dirigentes seus como Álvaro Cunhal e Octávio Pato, a forma de actuação de jornais sob o seu controle (nomeadamente o «Diário») mostram sobejamente que a clique dirigente do PCP não passa de bando de contra-revolucionários, que nenhum crime hesitarão em cometer para se conservarem como dirigentes. É preciso que os militantes comunistas das suas bases saibam tirar daqui a lição, percebendo que sem a destruição dessa clique e da sua política contra-revolucionária, graves obstáculos se co-

locam à Revolução Socialista em Portugal.

O PAPEL DA IMPRENSA BURGUESA E REFORMISTA

Como seria de esperar, os principais órgãos de informação, actualmente controlados na sua quase totalidade pela burguesia e a reacção, têm desenvolvido uma grande campanha de intoxicação a propósito da campanha para a Presidência. A especulação, a calúnia, a provocação têm sido a prática habitual de vários meios de informação.

Não referindo já jornais fascizantes como «O Século», que ainda há poucos dias fazia uma provocação miserável ao PRP, queremos aqui salientarmos o papel objectivamente contra-revolucionário, desempenhado por jornais tidos como progressistas. Referimo-nos aos casos do «Diário de Lisboa» e do «Diário». Este último pelas informações que não deu, pelas que deu distorcidas, por alguns dos seus editoriais e notícias, é bem um exemplo da prática fascista de certos senhores que se dizem de esquerda. Por exemplo, quando o «Diário» diz e insiste que as Comissões de Trabalhadores da Lisnave e Setenave não aprovaram moção de apoio à candidatura de Otelo e não diz ao mesmo tempo que as Assembleias de Trabalhadores destas empresas as aprovaram quando faz editoriais como o do dia 24-5-76 é bem

claro que estamos perante desonestos jornalistas de uma falsa esquerda. Trata-se de uma canalha pequeno burguesa, que quer defender a todo o custo os seus mesquinhos interesses de classe contra os interesses das classes exploradas.

A ALTERNATIVA

Para que o movimento operário e popular avance organizado e firme, numa perspectiva anti-capitalista, precisa de varrer do seu seio inúmeros obstáculos que denodadamente se opõem a esse avanço. O movimento operário e popular criado em torno de um programa de esquerda e da candidatura de Otelo não pode ficar espartilhado por cúpulas partidárias, nem ser metido no estafado saco do antifascismo. A movimentação e o poder combativo das massas trabalhadoras criam uma dinâmica que fará abalar velhos e novos reformismos introduzidos no seu seio.

É preciso que de Norte a Sul do País, das fábricas, aos campos, aos quartéis, às escolas, se desenvolva um movimento de massas capaz não apenas de fazer face ao avanço do fascismo, mas de caminhar no sentido da Revolução Socialista.

Em frente com a candidatura de Otelo
Pela organização popular de base
Viva a revolução socialista

26/5/76
O Secretariado Político do PRP

O REGRESSO DOS FASCISTAS

A par da libertação dos PIDES, da reorganização dos instrumentos de repressão do Estado burgues, Spínola declara no Brasil, depois da farsa da dissolução do MDLP, que «Agora não há razão nenhuma para que não volte».

E não é para menos! Estão todos a voltar, estão todos a ser postos em liberdade, veja-se por exemplo o caso do spinolista, ex-tenente-coronel Simas que fugiu no dia 11 de Março que no dia seguinte ao da sua chegada a Portugal, foi posto em liberdade provisória.

Para que conspirar no estrangeiro? Podem muito bem estar em Portugal porque o actual Poder não lhes levanta problemas.

Não lhes levanta problemas e, ainda os convida a voltarem. Pires Veloso fez um apelo, por intermédio de Antero de Carvalho (fugiu de Portugal depois do 11 de Março), para que os técnicos que fugiram para o estrangeiro voltem brevemente. Aliás, já na sua «mensagem de Ano Novo» tinha feito apelo semelhante.

E assim, a preparação do regresso do fascismo. Assim vão actuando, passo a passo, libertando todos os carrascos dos trabalhadores, dando-lhes liberdade que é sempre utilizada para esmagar os trabalhadores.